

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Conflito conjugal: evidências de validade do Conflict Resolution Behavior Questionnaire
(CRBQ) e estilos de resolução de conflitos em casais

Dissertação de Mestrado

Marina Zanella Delatorre

Porto Alegre, abril de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Conflito conjugal: evidências de validade do Conflict Resolution Behavior Questionnaire
(CRBQ) e estilos de resolução de conflitos em casais

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana Wagner

Marina Zanella Delatorre

Porto Alegre, abril de 2015

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho, que é parte da realização de um sonho, gostaria de agradecer às pessoas e às instituições que tornaram possível a realização desta dissertação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de aprendizado propiciada.

Aos professores do PPG em Psicologia, pelos conhecimentos e experiências compartilhadas.

À minha orientadora, professora Dr.^a Adriana Wagner, pelo conhecimento compartilhado, pelo acolhimento, pela confiança e pelo incentivo durante a realização deste trabalho.

A todas as instituições que colaboraram, e especialmente aos casais que participaram da pesquisa que deu origem a esta dissertação, possibilitando sua realização.

À professora Dr.^a Clarissa Marcelli Trentini, pelo cuidadoso trabalho de relatoria.

Aos professores da banca, por aceitarem participar desse momento e pelas contribuições importantes ao trabalho.

Às colegas e amigas do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, Bianca Hameister, Angélica Neumann, Juliana Rosado, Patrícia Scheeren, Paola Barbosa, Lisiane Saraiva, Ana Cristina Pontello e Gissiane dos Santos, pela parceria nesses dois anos de trabalho, e pelo companheirismo, apoio e carinho em todos os momentos dessa trajetória.

A todos os amigos, pelos momentos de descontração e apoio, seja de perto ou de longe.

Aos meus pais, Mari e Ivanio, e à minha irmã, Natalia, pelo incentivo e apoio constantes.

Ao meu noivo, Ariel, por todo o encorajamento, cuidado, compreensão e incentivo. Obrigada por estar ao meu lado e me apoiar incondicionalmente.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO II – Artigo I: ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS CONJUGAIS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO CRBQ.....	10
Resumo.....	10
Abstract.....	10
Método.....	15
Resultados.....	19
Discussão.....	22
Referências.....	24
Anexo A – Versão reformulada do <i>Conflict Resolution Behavior Questionnaire</i> – CRBQ.....	30
CAPÍTULO III – Artigo II: O ENFRENTAMENTO DO CONFLITO CONJUGAL NA PERSPECTIVA DE MULHERES E HOMENS CASADOS.....	31
Resumo.....	31
Abstract.....	31
Método.....	35
Resultados.....	39
Discussão.....	42
Referências.....	46
CAPÍTULO IV – Artigo III: O CONFLITO CONJUGAL: ANÁLISE DOS PERFIS DE RESOLUÇÃO E DA QUALIDADE CONJUGAL.....	50
Resumo.....	50
Abstract.....	50
Método.....	54
Resultados.....	59
Discussão.....	63
Referências.....	66
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
Referências.....	73
ANEXOS.....	76
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	77
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	81

Anexo C – Questionário Casal Masculino.....	82
Anexo D – Questionário Casal Feminino.....	86

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO II

Tabela 1. Instrumentos de Avaliação das Estratégias de Resolução de Conflitos em Casais	12
Tabela 2. Escolaridade e renda dos participantes, por sexo.....	16
Tabela 3. Resultados das Análises Fatoriais Exploratórias dos Escores do Conflict Resolution Behavior Questionnaire.....	20

CAPÍTULO III

Tabela 1. Escolaridade, renda e prática de religião dos participantes, por sexo.....	36
Tabela 2. Médias e diferenças no uso das estratégias de resolução de conflitos entre homens e mulheres.....	39
Tabela 3. Análise de variância das estratégias de resolução de conflitos e variáveis sociodemográficas.....	39

CAPÍTULO IV

Tabela 1. Escolaridade, renda e prática de religião entre os participantes.....	55
Tabela 2. Índices de ajuste da Análise de Perfis Latentes de acordo com o número de perfis.....	59
Tabela 3. Médias das estratégias de resolução de conflitos, geral e por perfil.....	59
Tabela 4. MANOVA das variáveis de relacionamento e trabalho de acordo com os perfis de resolução de conflitos.....	61
Tabela 5. Qui-quadrado das variáveis sociodemográficas de acordo com os perfis de resolução de conflitos.....	62

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo verificar evidências de validade para um instrumento de avaliação de estratégias de resolução de conflitos conjugais e investigar o uso dessas estratégias por casais residentes no Rio Grande do Sul. Para tanto, o trabalho foi dividido em três artigos. O Artigo I buscou evidências de validade para o *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* (CRBQ). O Artigo II verificou o uso de estratégias de resolução de conflitos entre homens e mulheres, sua associação a variáveis sociodemográficas e do relacionamento. Por fim o Artigo III identificou perfis de resolução de conflitos, associando-os à qualidade conjugal. Os participantes foram 750 casais heterossexuais, residentes no Rio Grande do Sul, e que coabitavam há, no mínimo, seis meses. Os resultados do Artigo I demonstraram evidências de que a versão brasileira do instrumento é válida para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos conjugais. O Artigo II indicou que há associação da resolução do conflito conjugal à prática de alguma religião, ao tempo de relacionamento e ao momento do ciclo vital. No Artigo III, quatro perfis foram identificados: Evitador, Validador, Hostil e Volátil. Os aspectos que podem favorecer o encaminhamento construtivo dos conflitos pelos membros do casal e os níveis de qualidade conjugal associados a cada perfil identificado são discutidos.

Palavras-chave: conflito conjugal; estratégias de resolução de conflitos; validação; qualidade conjugal; relações conjugais

ABSTRACT

This study aimed to verify validity evidences for an instrument for assessment of marital conflict resolution strategies and to investigate the use of these strategies by couples living in Rio Grande do Sul. To achieve this objective, this study is divided in three papers. Paper I investigated validity evidences for the Conflict Resolution Behavior Questionnaire (CRBQ). Paper II verified conflict resolution strategies used by men and women, its association with sociodemographic and relationship variables, and identified conflict resolution profiles. Participants were 750 heterosexual couples, who lived in Rio Grande do Sul state in Brazil and cohabited for, at least, six months. Paper I showed evidences that the Brazilian version of the instrument is valid for the assessment of conflict resolution strategies. Paper II indicated that marital conflict resolution was associated with religious practice, length of relationship and moment of the life cycle. Paper III identified four profiles: Avoider, Validator, Hostile and Volatile. The aspects that can promote constructive management of conflicts by spouses and the marital quality associated with each profile are discussed.

Keywords: marital conflict; conflict resolution strategies; validation; marital quality; marital relations

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

O conflito conjugal é reconhecido como um fenômeno natural e inerente à relação de casal. Diante desse fenômeno intrínseco aos relacionamentos, são as particularidades das formas de interação e das características do conflito que definem o impacto positivo ou negativo nas relações que se estabelecem em todo o sistema familiar. O estudo do conflito em casais, que abarca a complexidade da dinâmica conjugal, exige que alguns aspectos dessas interações sejam sistematizados. Assim, a maneira como os casais manejam e encaminham suas desavenças tem sido estudada por meio das estratégias de resolução de conflitos conjugais, que é considerada a dimensão do conflito que gera maior impacto no relacionamento.

No Brasil, as pesquisas que abordam os conflitos em casais geralmente enfocam contextos de separação ou violência, na perspectiva dos filhos ou na prática clínica. Dessa forma, há uma carência de estudos nacionais que enfoquem as particularidades do emprego de diferentes estratégias na resolução dos conflitos conjugais. Esse cenário parece ser reflexo da ausência de instrumentos que avaliem a resolução dos conflitos validados para a população brasileira.

Esta dissertação está vinculada ao projeto “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: questões de gênero, resolução de conflitos e violência” (FAPERGS/CNPq nº 10/0058-8 – Edital 08/2009 PRONEX) do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O projeto compreendeu quatro momentos, sendo um primeiro objetivo o mapeamento dos níveis de conflitos conjugais, estilos de resolução de tais conflitos, presença de indicadores de violência conjugal e atitudes pautadas pelo papel de gênero na família e no casal. No segundo momento, foi proposta a sistematização de estratégias de intervenção para a resolução de conflitos conjugais. A partir disso, no terceiro e quarto momentos foram elaborados materiais informativos sobre o tema e desenvolvida uma tecnologia de capacitação para profissionais que trabalham no atendimento a famílias e casais.

A presente pesquisa se inseriu no primeiro momento desse projeto, por meio de três artigos. O Artigo I, intitulado “Estratégias de Resolução de Conflitos Conjugais: evidências de validade do CRBQ”, buscou evidências de validade para o instrumento utilizado para avaliar o encaminhamento dos conflitos entre os casais neste estudo. O *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ foi desenvolvido por Rubenstein e Feldman (1993) e

compreende a resolução de conflitos por meio de três dimensões: ataque, evitação e acordo. Para avaliar as propriedades psicométricas da escala, foram realizadas análises fatoriais exploratórias e análises de consistência interna. Assim, o trabalho discute a adequação da versão adaptada, suas limitações e a necessidade de estudos complementares.

O Artigo II, intitulado “O enfrentamento do conflito conjugal na perspectiva de mulheres e homens casados”, verificou a prevalência do uso de estratégias de resolução de conflitos construtivas e destrutivas, investigando também como essas estratégias se associam a variáveis sociodemográficas e do contexto de relacionamento de homens e mulheres residentes no Rio Grande do Sul. Para tanto, utilizou-se a versão adaptada do CRBQ e a estrutura fatorial encontrada no Artigo I.

Por fim, o Artigo III, “O conflito conjugal: análise dos perfis de resolução e da qualidade conjugal”, buscou identificar perfis de resolução de conflitos, estabelecendo os níveis de qualidade conjugal associados a cada perfil, por meio da comparação dos índices de qualidade conjugal entre os perfis. Para isso, foi conduzida uma Análise de Perfis Latentes, utilizando como indicadores as três estratégias de resolução de conflitos avaliadas pelo CRBQ.

A existência de instrumentos com evidências de validade para a população brasileira pode ser fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sobre as estratégias de resolução de conflitos conjugais. Já o estudo de fatores associados ao manejo dos desentendimentos pode ser útil na identificação de variáveis que possam ampliar as possibilidades dos casais encaminharem suas divergências de forma mais saudável.

CAPÍTULO II – Artigo I

ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS CONJUGAIS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO CRBQ

Resumo

Este estudo verificou evidências de validade da versão adaptada do *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ para o português brasileiro. Os participantes foram 750 casais heterossexuais, residentes no estado do Rio Grande do Sul, que responderam a um questionário composto por dados sociodemográficos, pelo CRBQ e pelo *Golombok Rust Inventory of Marital State* – GRIMS. Foram conduzidas análises fatoriais exploratórias, de consistência interna, por meio do alfa de Cronbach, e de correlação entre as duas escalas. Os níveis de consistência interna variaram de 0,68 a 0,79. A versão final do CRBQ apresentou três dimensões, representando as estratégias de acordo, evitação e ataque na resolução dos conflitos, assim como no instrumento original. A versão brasileira do instrumento se mostrou adequada para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos conjugais. Contudo, verificou-se a necessidade de reformulações em determinados itens, a fim de aprimorar o instrumento. Uma versão reformulada do CRBQ é apresentada, a fim de ser testada em estudos futuros.

Palavras-chave: conflito conjugal; relações conjugais; medidas; validade do teste

Abstract

This study verified validity evidences for the Brazilian Portuguese adapted version of the *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ. The sample was composed of 750 heterosexual couples, who lived in Rio Grande do Sul state in Brazil, and completed a questionnaire containing sociodemographic data, the CRBQ and the *Golombok Rust Inventory of Marital State* – GRIMS. Exploratory factor analysis, Cronbach's alpha reliability estimates and correlations between the two scales were conducted. Reliability estimates ranged from .68 to .79. The final version of CRBQ presented three dimensions, representing the strategies of conflict resolution: compromise, avoidance and attack. The Brazilian version of the instrument was adequate for the assessment of conflict resolution strategies among couples. However, a revised version of some items is needed, in order to improve the instrument. A revised version of the CRBQ is presented, to be tested in future studies.

Key words: marital conflict; marital relations; measurement; test validity

O conflito é um fenômeno inerente às relações conjugais, especialmente no cenário contemporâneo, em que os aspectos relativos à individualidade de cada um dos cônjuges esbarram nos limites da vivência da conjugalidade do par amoroso (Féres-Carneiro, 1998; Féres-Carneiro, Ziviani, & Magalhães, 2011). O conflito conjugal pode ser definido como a oposição ostensiva entre os cônjuges, identificada pelos mesmos como desentendimento ou fonte de dificuldades no relacionamento (Fincham, 2009).

Diversas pesquisas demonstram as implicações dos desentendimentos conjugais na saúde mental, física e familiar (Fincham, 2003). No que diz respeito à saúde mental, o conflito conjugal aparece associado à depressão (Du Rocher Schudlich, Papp, & Cummings, 2011; Marchand & Hock, 2003; Park & Unützer, 2014), à ansiedade (Brock & Lawrence, 2011), aos transtornos alimentares (Whisman, Dementyeva, Baucom, & Bulik, 2012; Fincham, 2003) e ao alcoolismo (Fincham, 2003; Cranford, Floyd, Schulenberg, & Zucker, 2011). Em termos de saúde física, o conflito conjugal se mostra relacionado a alterações cardiovasculares, imunológicas (Fincham, 2003; Kiecolt-Glaser et al., 2015) e à síndrome metabólica, especialmente entre as mulheres (Whisman & Uebelacker, 2012). A saúde do todo o sistema familiar também é atravessada pelos desentendimentos do casal, aumentando a tensão familiar e produzindo outros conflitos (Lindahl & Malik, 2011; Siffert & Schwarz, 2011), tanto entre pais e filhos quanto entre os irmãos (Fincham, 2003).

A existência de conflitos entre o casal, por si só, não é indicativa de dificuldades conjugais. Entretanto, a forma como são manejados e encaminhados os desentendimentos é o que reverbera em melhores ou piores níveis de saúde conjugal (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998). Nessa perspectiva, entende-se que para lidar com as suas diferenças, os casais lançam mão de estratégias de resolução de conflitos, que são os comportamentos através dos quais os cônjuges buscam resolver as divergências entre si (Marchand & Hock, 2000).

As estratégias de resolução de conflitos conjugais estão associadas à qualidade conjugal, um construto multidimensional que abrange aspectos do contexto, dos recursos pessoais, dos processos adaptativos e da satisfação dos cônjuges no relacionamento (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). De maneira geral, o encaminhamento construtivo dos conflitos se relaciona à maior qualidade conjugal, enquanto que a resolução destrutiva se associa à menor qualidade conjugal (Marchand, 2004; McNulty & Russell, 2010; Scheeren, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014; Wheeler, Updegraff, & Thayer, 2010). Por exemplo, um estudo envolvendo uma amostra de 214 casais gaúchos investigou o papel das estratégias de resolução de conflitos como mediadoras do impacto do apego sobre a qualidade conjugal. Estratégias construtivas mediaram a relação entre o apego seguro e a alta qualidade

conjugal, ao passo que o manejo destrutivo dos conflitos mediou a relação entre apego inseguro e baixa qualidade conjugal (Scheeren et al., 2014).

Tendo em vista o impacto das estratégias de resolução de conflitos conjugais para os membros do casal e na família, diversos instrumentos têm sido desenvolvidos internacionalmente a fim de avaliar tais estratégias. A Tabela 1 apresenta um resumo dos instrumentos das últimas quatro décadas divididos em dois grupos: os questionários ou escalas e os sistemas de codificação para observação.

Tabela 1

Instrumentos de Avaliação das Estratégias de Resolução de Conflitos em Casais

Questionários e escalas ^a			
Instrumento	O que avalia/Dimensões	Itens	Autores
<i>Conflict Tactics Scales – CTS</i>	Negociação, agressão psicológica, violência física	38	Straus, 1979
<i>Marital Coping Inventory – MCI</i>	Conflito, culpabilização, abordagem positiva, autointeresse e evitação	64	Bowman, 1990
<i>Health and Stress Profile – HSP</i>	Comunicação, resolução de problemas, coesão e flexibilidade conjugal	40	Olson & Stewart, 1991
<i>Ineffective Arguing Inventory – IAI</i>	Avalia estilos de resolução de conflitos disfuncionais	8	Kurdek, 1994
<i>Conflict Resolution Styles Inventory – CRSI</i>	Resolução positiva de problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão	16	Kurdek, 1994
<i>The Revised Conflict Tactics Scales – CTS 2</i>	Negociação, agressão psicológica, violência física	78	Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996
<i>Conflicts and Problem-Solving Scales – CPS</i>	Frequência, intensidade, resolução e eficácia	82	Kerig, 1996
Escala de Conflito Conjugal	Conflito-desentendimentos, conflito-agressão (frequência)	9	Buehler & Gerard, 2002
Sistemas de codificação para observação ^b			
Instrumento	O que avalia/Dimensões	Autores	
<i>Couples Interaction Scores System – CISS</i>	Concordância, discordância, comunicação, proposição de solução, referência ao outro, autorreferência e informações ou sentimentos a respeito do problema	Gottman, 1979	
<i>Inventories of Premarital, Marital, Parent-Child, and Parent-Adolescent Conflict</i>	Estratégias de resolução de conflitos (cônjuges, pais e criança e pais e adolescentes)	Olson, 1983	

<i>Marital Interaction Coding System-IV</i> – MICS-IV	Culpa, facilitação, invalidação, validação, proposta de mudança, descrição do problema e irrelevante	Heyman, Weiss, & Eddy, 1995
---	--	-----------------------------

^a Instrumentos de autorrelato

^b Instrumentos para observação

Apesar da existência dessas escalas e esquemas de codificação internacionais, no contexto brasileiro as opções para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos conjugais são limitadas. Alguns instrumentos brasileiros para a avaliação familiar, como a Entrevista Familiar Estruturada – EFE (Féres-Carneiro, 1997; Féres-Carneiro, 2005), o Inventário do Clima Familiar – ICF (Teodoro, Allgayer, & Land, 2009) e o Familiograma – FG (Teodoro, 2012) estão disponíveis. Porém, não foram encontrados instrumentos que avaliassem diretamente as estratégias de resolução do conflito conjugal. Foram realizadas buscas por estudos nacionais sobre o tema, publicados até maio de 2014, nas bases de dados Index Psi, LILACS, PePSIC e SciELO. Também foram consultados materiais de referência sobre avaliação familiar (Teodoro, 2012). Nessa busca específica, encontrou-se o Familiograma, que é uma alternativa para a avaliação do casal, pois verifica a percepção dos níveis de afetividade e conflito na díade conjugal (Teodoro, 2006).

Algumas das escalas apresentadas na Tabela 1 também foram traduzidas e adaptadas para uso no Brasil. Entre elas, a *Revised Conflict Tactics Scale* – CTS2 (Straus et al., 1996), foi adaptada transculturalmente por meio da equivalência semântica por Moraes, Hasselmann, e Reichenheim (2002). Posteriormente, a primeira versão da escala, a *Conflict Tactics Scale* – CTS (Straus, 1979), foi adaptada por meio da equivalência semântica e de mensuração (Hasselmann & Reichenheim, 2003). A CTS e a CTS2 são medidas amplamente utilizadas no exterior, especialmente para a avaliação da violência conjugal. Por fim, encontrou-se também a Escala de Conflito Conjugal (Buehler & Gerard, 2002) que foi traduzida e adaptada para o português brasileiro por Mosmann (2007).

Frente a necessidade de instrumentos que avaliassem a forma como os casais encaminham seus desentendimentos, encontrou-se o *Conflict Resolution Behaviors Questionnaire* – CRBQ, que foi construído por Rubenstein e Feldman (1993) para avaliar estratégias de resolução de conflitos em uma amostra de adolescentes. A construção do CRBQ foi baseada no questionário elaborado por Rands, Levinger, e Mellinger (1981), que avalia estratégias de resolução e percepção do conflito em casais. Os 15 itens que dizem respeito às estratégias de resolução de conflitos se baseiam na ideia de que os

desentendimentos e a incompatibilidade de objetivos são inevitáveis nos relacionamentos. Para os autores, os conflitos podem ser construtivos quando possibilitam um melhor entendimento da posição do outro ou a resolução do problema. Por outro lado, são destrutivos se ameaçam a base do relacionamento ou vão além do problema original, crescendo em escalada. Além disso, os conflitos não poderiam ser resolvidos adequadamente se não expressos abertamente. O afastamento do conflito e a supressão de sentimentos hostis fariam com que estes se acumulassem, caso não houvesse resolução adequada (Rands et al., 1981).

Dos 15 itens elaborados por Rands et al. (1981), 14 foram utilizados na construção do CRBQ por Rubenstein e Feldman (1993), aos quais foram adicionados outros oito itens desenvolvidos pelas pesquisadoras. A verificação das evidências de validade do instrumento se deu através de um estudo longitudinal que relacionava estratégias de resolução de conflitos a problemas de comportamentos internalizantes e externalizantes, em meninos no início da adolescência. Esse questionário possui 22 itens, medidos por uma escala *Likert* que varia de 1 (*nunca*) a 5 (*quase sempre*). As estratégias de resolução de conflitos desdobram-se em três dimensões: ataque, evitação e acordo. A estratégia de ataque foi definida pelas autoras como comportamentos hostis, autoritários e de escalada do conflito. A evitação diz respeito a ignorar o problema e afastar-se do conflito. Por fim, o acordo caracteriza-se pela compreensão do ponto de vista do outro e/ou pela tentativa de resolver o problema através da negociação (Rubenstein & Feldman, 1993).

Assim, apesar do CRBQ original ter sido elaborado para o uso com adolescentes, parte dos itens foram construídos tendo em vista o relacionamento conjugal. Posteriormente, Reese-Weber e Bartle-Haring (1998) adaptaram o instrumento para o uso com casais, adequando alguns itens ao contexto conjugal.

Em termos de validade aparente, os itens do CRBQ representam os diversos comportamentos adotados pelos cônjuges frente ao conflito, como raciocinar, escutar o outro, revidar ao ataque, guardar sentimentos e afastar-se do conflito. Além disso, as três dimensões da escala reflete os achados da literatura sobre o conflito conjugal (Rubenstein & Feldman, 1993; Sillars, Canary, & Tafoya, 2004), de que a resolução dos desentendimentos pode se dar de maneira construtiva (acordo) ou destrutiva (ataque e evitação).

A versão adaptada para casais do CRBQ tem sido utilizada para relacionar as estratégias de resolução de conflito conjugal a sintomas depressivos (Marchand, 2004; Marchand & Hock, 2000; Marchand & Hock, 2003; Marchand, Schedler, & Wagstaff, 2004), qualidade conjugal (Marchand, 2004; Marchand & Hock, 2000), problemas de comportamento nos filhos (Marchand & Hock, 2003; Marchand et al., 2004) e estilos de

apego (Marchand, 2004; Marchand et al., 2004). Os resultados demonstram que as estratégias destrutivas de resolução de conflitos se associam a sintomas depressivos (Marchand & Hock, 2003) e contribuem para a relação entre baixos níveis de satisfação conjugal e depressão (Marchand, 2004; Marchand & Hock 2000). Já estratégias construtivas se associam aos bons níveis de satisfação conjugal (Marchand, 2004; Marchand & Hock, 2000). No que diz respeito ao apego, o tipo ansioso demonstra associação com estratégias negativas, enquanto que o apego seguro se relaciona às estratégias positivas (Marchand, 2004).

Quanto ao comportamento dos filhos, estratégias destrutivas utilizadas nos conflitos dos pais podem ser um fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos de ansiedade, depressão, queixas somáticas e agressividade nos filhos (Marchand & Hock, 2003; Marchand et al., 2004). Por outro lado, a resolução construtiva dos desentendimentos pelos pais pode contribuir para o desenvolvimento de um modelo de resolução de problemas, melhorando as habilidades sociais dos filhos (Marchand et al., 2004).

Tendo em vista a aplicabilidade do CRBQ com casais em estudos internacionais e a escassez desse tipo de instrumento no Brasil, este estudo dedicou-se a verificar evidências de validade da versão adaptada da escala para o português brasileiro. Com isso, espera-se contribuir para o aprimoramento do instrumento e oferecer uma opção para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos em casais no Brasil.

Método

Participantes

Participaram do estudo 750 casais heterossexuais, sendo 69% casados e 31% que coabitavam com o companheiro há no mínimo seis meses no momento da coleta de dados. A idade média foi de 42,26 anos ($DP = 11,24$) para os homens e 39,54 ($DP = 10,70$) para as mulheres. O tempo médio de relacionamento foi de 15,79 anos ($DP = 10,41$), sendo que 15% dos participantes já haviam sido casados antes da união atual (tempo médio de 8,48 meses, $DP = 6,8$). A maioria dos participantes trabalhava fora de casa (88,2% dos homens e 72,7% das mulheres) e tinha filhos (79,1% dos homens e 78,5% das mulheres). Os dados referentes à escolaridade e renda são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Escolaridade e renda dos participantes, por sexo

Escolaridade	Homens	Mulheres
	% ^a (n)	% ^a (n)
Sem escolaridade	0,1 (1)	0,3 (2)
Ensino Fundamental Incompleto	10,1 (76)	8,0 (60)
Ensino Fundamental Completo	7,2 (54)	7,0 (52)
Ensino Médio Incompleto	8,0 (60)	5,1 (38)
Ensino Médio Completo	23,8 (178)	21,7 (162)
Ensino Superior Incompleto	15,2 (114)	18,1 (135)
Ensino Superior Completo	16,8 (126)	16,0 (119)
Pós-Graduação Incompleta	2,3 (17)	4,0 (30)
Pós-Graduação Completa	16,4 (123)	19,8 (148)
Total	100 (749)	100 (746)

Renda	Homens	Mulheres
	% ^a (n)	% ^a (n)
Sem renda	1,6 (12)	17,1 (124)
1 a 3 salários mínimos	37,8 (279)	49,4 (359)
4 a 6 salários mínimos	27,6 (204)	18,8 (137)
7 a 9 salários mínimos	9,1 (67)	6,3 (46)
Mais de 10 salários mínimos	24,0 (177)	8,4 (61)
Total	100 (739)	100 (727)

^a Percentual de respostas válidas

Nota-se que a amostra apresenta de forma predominante bons níveis de escolaridade e de renda. No que diz respeito a escolaridade, aproximadamente 80% das mulheres e 75% dos homens haviam completado o ensino médio, enquanto que 39,8% das mulheres e 35,5% dos homens possuíam ensino superior concluído. A maior parte da amostra possuía renda de 1 a 6 salários mínimos (66,8%), sendo que a renda masculina foi superior à feminina.

Os participantes residiam na capital, região metropolitana, noroeste, nordeste, central e sudoeste do estado do RS, abrangendo 67 dos 497 municípios gaúchos. Assim, ainda que a amostra seja numerosa, não pode ser considerada representativa da população de todo o estado e nem do país. Os critérios de inclusão na amostra foram coabitar com o companheiro há no mínimo seis meses e estar em um relacionamento heterossexual. A amostra foi selecionada a partir do critério de conveniência.

Instrumentos

Os participantes responderam a versão traduzida do CRBQ e a uma escala que avalia a qualidade conjugal. Tendo em vista que a aplicação dessa escala se deu como parte integrante de um estudo maior sobre conjugalidade (Wagner, Falcke, & Mosmann, 2010), também foi aplicado um questionário que continha 16 perguntas fechadas sobre dados sociodemográficos, como idade, situação conjugal, escolaridade, trabalho, renda, filhos e religião. Também havia questões sobre o relacionamento amoroso, que avaliavam o tempo da relação com o cônjuge atual e relacionamentos anteriormente.

O *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ (Rubenstein & Feldman, 1993) avalia a frequência com que são utilizados determinados comportamentos na resolução de conflitos. O instrumento é composto por 22 itens, medidos através de uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*). Os itens da escala são divididos em três dimensões: ataque, composta por nove itens; evitação, composta por oito itens; e acordo, composta por cinco itens. Os valores do alfa de Cronbach para as dimensões ataque, evitação e acordo no estudo original foram de 0,78, 0,73 e 0,77, respectivamente. Estratégias de ataque dizem respeito a ataques físicos ou verbais ao cônjuge, enquanto que a evitação se refere ao afastamento do conflito ou a guardar sentimentos para si mesmo. Por fim, estratégias de acordo incluem negociação, discussão conjunta de problemas e conciliação (Rubenstein & Feldman, 1993).

A versão aplicada da escala foi traduzida para o português por três psicólogos bilíngues que produziram, independentemente, três versões do instrumento. As três versões foram comparadas e após a discussão entre os tradutores, foi produzida uma única versão, a qual foi novamente traduzida para o inglês e comparada com o CRBQ original. O processo de tradução e versão resultou na escala final. A fim de tornar a escala compreensível para a população em estudo, a tradução levou em conta expressões coloquiais regionais. Por exemplo, no item 10 (“fico brabo e vou embora”) em vez de “bravo” foi utilizada a palavra “brabo”, mais comum na linguagem coloquial regional.

O *Golombok Rust Inventory of Marital State* – GRIMS (Rust, Bennun, Crowe, & Golombok, 1986, adaptado por Falcke, 2003) avalia a qualidade conjugal por meio da satisfação, da comunicação, dos interesses compartilhados, da confiança e do respeito entre os cônjuges. O instrumento é composto por 28 itens medidos por meio de uma escala *Likert* que varia de 0 (*discordo fortemente*) a 3 (*concordo fortemente*), dentre os quais 14 têm pontuação invertida. A pontuação é calculada por meio da soma dos itens, sendo que quanto maior o escore obtido, maiores os problemas no relacionamento. O alfa de Cronbach obtido pelos

autores do GRIMS foi de 0,92 para os homens e de 0,90 para as mulheres (Rust et al., 1986). Neste estudo, o alfa de Cronbach foi de 0,88.

Procedimentos

Os dados utilizados neste estudo foram coletados através da pesquisa “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: questões de gênero, resolução de conflitos e violência” (Wagner et al., 2010). Os participantes foram contatados através de instituições tais como escolas, órgãos que prestam assistência às famílias, como igrejas, unidades de saúde e de assistência social. Uma vez assentida a participação no estudo, foi marcado um encontro para aplicação dos questionários, no qual a pesquisa foi explicada e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado. Todos os questionários foram respondidos na presença de um membro do grupo de pesquisa, que orientava os casais caso houvesse dúvidas. Em contextos como escolas e igrejas a aplicação foi coletiva, em pequenos grupos. Já em coletas domiciliares ou em serviços de saúde e assistência social, a aplicação foi individual, casal a casal. Cabe mencionar que os participantes provenientes desses serviços foram contatados por conveniência, não se tratando de população clínica. Os membros do casal responderam separadamente ao instrumento, de forma que um não soubesse as respostas do outro. Os questionários foram guardados e lacrados em um envelope em frente aos sujeitos para que fosse assegurado o sigilo dos dados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do instituto de Psicologia da UFRGS sob o CAAE 33175114.1.1001.5334.

Análise de dados

Primeiramente, foi conduzida uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) para verificar a adequação da versão adaptada da escala à estrutura original do instrumento, porém, não houve bom ajuste ao modelo (CFI = 0,83, RMSEA = 0,090, IC 90% [0,086, 0,094]). Em seguida, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com 700 participantes e uma AFC com os 800 restantes. Apesar de o modelo obtido por meio da AFE ter apresentado bom ajuste (CFI = 0,94, RMSEA = 0,067 (IC 90% [0,061, 0,072])), cinco itens seriam excluídos da escala (11, 13, 14, 18 e 20), sendo que o item 14 é o único que abrange a violência física, que consta na definição da estratégia de ataque. Assim, optou-se por realizar uma AFE com a amostra total, a fim de buscar uma estrutura válida em termos teóricos e psicométricos.

Para a AFE, foi utilizado o programa Factor, que inclui índices de ajuste do modelo obtido na análise (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2006). O número de fatores a ser retido foi determinado a partir do critério de análises paralelas (Horn, 1965), que apresenta melhor

acurácia em comparação às técnicas tradicionais, como o *eigenvalue* > 1 e o *scree plot* (Damásio, 2012; Franklin, Gibson, Robertson, Pohlmann, & Fralish, 1995). Para a extração dos fatores, foi utilizado o método de *Unweighted Least Squares* (ULS) com rotação oblíqua (*promin*), que permite que haja correlação entre os fatores. Esperava-se correlação negativa moderada da dimensão de acordo com as dimensões de ataque e evitação e baixa correlação positiva entre essas últimas. Os índices de ajuste avaliados foram o *Goodness of Fit Index* (GFI), que deve ser acima de 0,95 (McDonald & Ho, 2002) e o *Root Mean Square of the Standardized Residuals* (RMSR-z), que deve estar abaixo de 0,05 (Byrne, 2010).

A consistência interna dos fatores foi analisada por meio do alfa de Cronbach, que estabelece em que medida as respostas aos itens são consistentes dentro de cada um dos fatores (Kline, 2011). Finalmente, foram conduzidas análises de correlação de Pearson para verificar a existência de associações entre as dimensões do CRBQ e a qualidade conjugal.

Resultados

A AFE apresentou cinco dimensões com *eigenvalues* > 1, com os valores: 6,02; 2,12; 2,05; 1,22; 1,04. O método de análises paralelas, entretanto, indicou uma estrutura fatorial de três dimensões, em consonância com a base teórica do instrumento original de um construto de três fatores (Rands et al., 1981; Rubenstein & Feldman, 1993). A análise para três fatores, com rotação *promin*, explicou 46,33% da variância nos dados. Os resultados da análise fatorial demonstraram adequação dos dados à fatorização, *KMO* = 0,87, teste de esfericidade de Barlett: $\chi^2(231) = 7794,5$, $p < 0,001$.

Análises subsequentes foram realizadas, excluindo o item 11, que apresentou carga cruzada > 0,30 (0,40 em acordo, -0,39 em evitação e 0,70 em ataque). O *KMO* encontrado na análise final foi de 0,88 e o teste de esfericidade de Bartlett foi significativo, $\chi^2(210) = 7264,6$, $p < 0,001$. A variância explicada foi de 46,39% e os alfas de Cronbach foram de 0,79, 0,70 e 0,68 para as dimensões de acordo, ataque e evitação, respectivamente. Os resultados das análises fatoriais são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Resultados das Análises Fatoriais Exploratórias dos Escores do Conflict Resolution Behavior Questionnaire

Item	Solução inicial			Solução Final		
	F1	F2	F3	Acordo	Ataque	Evitação
8. Tento chegar a um acordo.	0,78	-0,11	0,15	0,82	0,19	-0,19
6. Escuto o que o outro está dizendo e tento compreender.	0,76	0,06	-0,04	0,73	-0,05	0,01
3. Tento raciocinar.	0,75	0,13	0,04	0,71	0,02	0,08
5. Tento acalmar as coisas.	0,74	0,17	-0,12	0,67	-0,16	0,14
21. Peço desculpas ao outro.	0,57	-0,16	0,13	0,57	0,12	-0,18
19. Tento ficar de bom humor e “levar na boa”.	0,58	0,14	-0,11	0,52	-0,14	0,12
2. Fico muito brabo(a) e começo a gritar.	-0,21	0,00	0,63	-0,04	0,77	-0,12
15. Digo ou faço algo para magoar o outro.	-0,15	0,10	0,55	-0,02	0,68	-0,00
12. Quanto mais falo, mais brabo(a) eu fico.	0,01	0,24	0,58	0,07	0,63	0,16
4. Ajo de forma sarcástica.	-0,02	0,16	0,46	0,11	0,62	0,04
22. Revido da mesma forma que o outro: “dou o troco”.	-0,15	0,16	0,43	-0,04	0,57	0,06
14. Fico brabo(a) e jogo o que tem pela frente na outra pessoa.	-0,28	-0,04	0,41	-0,15	0,54	-0,12
20. Falo com algum amigo ou algum familiar sobre como eu me sinto.	0,15	0,05	0,32	0,19	0,34	0,01
7. Me fecho e guardo meus sentimentos pra mim mesmo(a).	0,11	0,83	-0,31	-0,01	-0,27	0,76
9. Fico frio(a) e distante ou “não dou bola” para o outro.	0,00	0,72	-0,01	-0,10	-0,04	0,72
16. Vou para o meu quarto para ficar sozinho(a).	0,10	0,48	0,23	0,06	0,22	0,45
17. Assistio TV, leio um livro ou jogo videogames.	0,21	0,48	0,10	0,16	0,10	0,45
13. Permaneço brabo(a) por um longo tempo.	-0,13	0,39	0,25	-0,14	0,25	0,37
10. Fico brabo(a) e vou embora.	-0,11	0,43	0,18	-0,10	0,24	0,37
1. Tento não falar sobre o assunto.	0,12	0,41	-0,12	0,08	-0,09	0,37
18. Digo a mim mesmo(a) que o problema não é importante.	0,12	0,35	-0,04	0,10	-0,00	0,31
11. Falo tudo o que estou sentindo.	0,40	-0,39	0,70			
Alfa de Cronbach				0,79	0,70	0,68

Nota: Os itens estão apresentados em ordem decrescente a partir das cargas fatoriais obtidas na solução final. As cargas fatoriais maiores ou iguais a 0,3 estão em negrito.

Os três fatores obtidos apresentaram intercorrelações teoricamente coerentes. O fator que corresponde ao acordo teve correlação negativa moderada com os fatores ataque ($r = -0,59$) e evitação ($r = -0,39$). Estes mesmos fatores apresentaram correlação positiva

moderada ($r = 0,53$) entre si. Assim, o uso de estratégias construtivas teve relação negativa com o uso de estratégias destrutivas. O fato destas últimas apresentarem relação positiva moderada demonstra que, apesar de ambas representarem estratégias destrutivas, os comportamentos correspondentes a cada uma das estratégias são claramente distintos.

Os resultados da AFE demonstram alguns problemas na subescala de evitação, que apresentou dois itens com cargas cruzadas na solução inicial. Além disso o alfa de Cronbach ficou abaixo do ponto de corte comumente recomendado de 0,70 (Kline, 1999) para a escala de evitação. O item 11 apresentou cargas cruzadas em todas as subescalas, o que pode ser explicado pelo seu conteúdo, “falo tudo o que estou sentindo”. Na escala original, o item é invertido e representa a evitação, quando um dos cônjuges deixa de expressar seus sentimentos. Entretanto, expressar os pensamentos e sentimentos (considerando o item na forma positiva) pode tanto indicar a negociação e busca de resolução quanto a expressão de sentimentos negativos, hostis ou a agressão verbal. Optou-se por excluir o item da escala, já que a ambiguidade de seu conteúdo dificulta a discriminação entre comportamentos de ataque, evitação e acordo. O item 7 foi mantido na subescala de evitação, já que a carga cruzada na dimensão de ataque foi baixa e desapareceu na solução final.

Outros quatro itens carregaram em subescalas diferentes do instrumento original. Os itens 9, “fico frio e distante ou ‘não dou bola’ para o outro” e 13, “permaneço brabo por um longo tempo”, passaram da subescala de ataque para a de evitação no presente estudo. De fato, o conteúdo do item 9, que expressa frieza, distância e indiferença, parece mais condizente com estratégias de evitação (afastar-se do conflito, guardar os sentimentos para si) do que de ataque (violência física, agressão verbal). Da mesma forma, no caso do item 13, permanecer irritado indica a existência de pensamentos ruminativos relacionados ao desentendimento (guardar os sentimentos para si) e pressupõe que não houve tentativas de resolução suficientes para superar o conflito.

O item 19, “tento ficar de bom humor e ‘levar na boa’”, carregou na subescala de acordo, ao invés da de evitação como no instrumento original. Esse resultado parece ser reflexo da tradução do item, *try to be funny and make light of it* no original. A expressão *make light of* pode significar tanto suavizar ou tentar manter humor assim como minimizar, banalizar ou não dar importância a determinado assunto. Assim, o item em inglês pode ter sido entendido como subestimar ou desdenhar do motivo de conflito. Por outro lado, “ficar de bom humor e ‘levar na boa’” pode ter sido interpretado pelos respondentes brasileiros como evitar a raiva frente ao conflito e tentar resolvê-lo de forma amigável. Por fim, o item 20 “falo com algum amigo ou algum familiar sobre como eu me sinto”, carregou na dimensão de

ataque, e não na de evitação, como no instrumento original (invertido). Uma das explicações para esse resultado pode ser o fato de que itens com escores invertidos nem sempre são psicometricamente equivalentes aos itens sem inversão (Sliter & Zickar, 2014), e podem levar a ambiguidades nos resultados (Roszkowski & Soven, 2010). Além disso, falar sobre o conflito fora da díade conjugal pode ter sido interpretado pelos participantes como uma tentativa de denegrir o companheiro para amigos e familiares, expondo a intimidade conjugal.

No que diz respeito ao ajuste do modelo obtido com a AFE, foi encontrado índice GFI = 0,99 e medida de resíduos de RMSR-z = 0,039. Ambos os índices são adequados de acordo com os critérios adotados (Byrne, 2010; McDonald & Ho, 2002) e sugerem adequação da estrutura fatorial do instrumento.

Por fim, foi conduzida uma análise de correlação de Pearson para verificar a associação entre a qualidade conjugal e as três dimensões do CRBQ. Os escores do GRIMS, nos quais a baixa pontuação representa maior qualidade conjugal, apresentaram correlação negativa com a estratégia de acordo ($r = -0,45, p < 0,001$) e positiva com as estratégias de evitação ($r = 0,44, p < 0,001$) e ataque ($r = 0,43, p < 0,001$). Essas associações vão ao encontro dos achados da literatura (Marchand, 2004; McNulty & Russell, 2010; Scheeren et al., 2014; Wheeler et al., 2010), demonstrando evidências de validade convergente (acordo) e divergente (evitação e ataque) entre o CRBQ e o GRIMS.

Discussão

Os procedimentos de busca de evidências de validade do CRBQ para o português brasileiro apresentaram uma versão final do instrumento com três dimensões: acordo, evitação e ataque. Essa estrutura de três dimensões manteve-se desde a elaboração de parte dos itens, em um estudo sobre estratégias de manejo dos conflitos conjugais (Rands et. al., 1981). A estrutura permaneceu desde a construção do CRBQ (Rubenstein & Feldman, 1993) e na adaptação do instrumento para casais (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998).

Apesar da estabilidade da estrutura com três dimensões, alguns itens carregaram em dimensões diferentes do instrumento original. Algumas dessas mudanças são coerentes levando em conta o conteúdo do item, como no caso do item 9 (“fico frio e distante ou ‘não dou bola’ para o outro”), que carregou na dimensão de evitação e não na de ataque. Contudo, outros itens devem ser revisados no que diz respeito à tradução ou à redação original. O item 11 apresentou cargas cruzadas e foi excluído. Esse item pertencia originalmente à dimensão de evitação, que também teve quatro itens excluídos por Rubenstein e Feldman (1993) e dois

por Reese-Weber e Bartle-Haring (1998).

A dimensão de evitação também apresentou o alfa de Cronbach mais baixo, de 0,68, em relação ao acordo ($\alpha = 0,79$) e ao ataque ($\alpha = 0,70$). Os valores para a escala original de Rubenstein e Feldman (1993) foram de 0,78 para o ataque, 0,77 para o acordo e 0,73 para a evitação. Já na adaptação do CRBQ para casais, o alfa de Cronbach variou de 0,81 a 0,87 para o ataque, 0,78 a 0,91 para o acordo e 0,63 a 0,79 para a evitação (os diferentes valores para cada dimensão se referem às diferentes díades investigadas) (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998). Apesar desses autores terem obtido valores mais altos em relação ao presente estudo, nota-se que o índice de consistência interna é sempre mais baixo para a dimensão de evitação em comparação às demais. Isso demonstra que há problemas na dimensão de evitação para além de diferenças de tradução ou da amostra estudada, evidenciando a necessidade de reformulação de alguns itens desde a redação original.

A atualização e o aperfeiçoamento dos instrumentos são parte de diretrizes internacionais sobre padrões de testagem. Essas atualizações devem levar em conta a época e a cultura da população alvo do instrumento, podendo implicar em adaptações no teste e/ou em sua estrutura conceitual (AERA, APA, NCME, 1999). Nessa perspectiva, a partir do estudo realizado, sugere-se uma nova versão do instrumento (Anexo A), reformulada a fim de corrigir problemas identificados em alguns itens.

Novos estudos devem ser realizados para buscar evidências de validade da versão reformulada, tanto no que diz respeito à estrutura interna do instrumento quanto a outros aspectos de validade (convergente, discriminante, critério, entre outros). De forma complementar aos resultados deste estudo, a aplicação do CRBQ junto ao CTS por Falcke, Wagner, e Mosmann (2013) pode fornecer evidências de validade divergente. A versão adaptada do instrumento foi aplicada, utilizando a estrutura fatorial original proposta por Rubenstein e Feldman (1993). As autoras encontraram correlações positivas significativas das dimensões de ataque e evitação com dimensões da violência conjugal (por exemplo, agressão psicológica menor, $r = 0,66$ para o ataque e $r = 0,27$ para a evitação). Já o acordo apresentou correlação positiva com a negociação ($r = 0,55$) e negativa com dimensões de violência (por exemplo, agressão psicológica menor, $r = -0,37$) (Falcke et al., 2013).

A versão brasileira do *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ se mostrou adequada para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos utilizadas por casais. Contudo, algumas reformulações são necessárias a fim de aprimorar os resultados obtidos com o instrumento. Destaca-se ainda a importância da aplicação do CRBQ em amostras que contemplem outras regiões do Brasil, a fim de verificar a estabilidade dos resultados obtidos.

Referências

- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. (1999). *Standards for educational and psychological testing*. Washington, DC: American Educational Research Association.
- Bowman, M. L. (1990). Coping efforts and marital satisfaction: measuring marital coping and its correlates. *Journal of Marriage and Family*, 52, 463-474. doi: 10.1037/h0087181
- Brock, R. L., & Lawrence, E. (2011). Marriage as a risk factor for internalizing disorders: clarifying scope and specificity. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79(5), 577-589. doi: 10.1037/a0024941
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital Conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64(1), 78-93. doi: 10.1111/j.1741-3737.2002.00078.x
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming*. 2nd ed. New York: Routledge.
- Cranford, J. A., Floyd, F. J., Schulenberg, J. E., & Zucker, R. A. (2011). Husbands' and wives' alcohol use disorders and marital interactions as longitudinal predictors of marital adjustment. *Journal of Abnormal Psychology*, 120(1), 210. doi: 10.1037/a0021349
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>
- Du Rocher Schudlich, T. D., Papp, L. M., & Cummings, E. M. (2011). Relations between spouses' depressive symptoms and marital conflict: a longitudinal investigation of the role of conflict resolution styles. *Journal of Family Psychology*, 25(4), 531-540. doi: 10.1037/a0024216
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. Em Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casal e Família: transmissão, conflito e violência* (pp. 159-176). Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Entrevista familiar estruturada - EFE: um método de avaliação das relações familiares. *Temas em Psicologia*, 5(3), 63-94. Recuperado de

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a07.pdf>

- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. doi: 10.1590/S0102-79721998000200014
- Féres-Carneiro, T. (2005). *Entrevista familiar estruturada: um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: Sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. Em Féres-carneiro, T. (Org.), *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp.43-60). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: Correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Science*, 12(23), 23-27. doi: 10.1111/1467-8721.01215
- Fincham, F. D. (2009). Marital conflict. *Encyclopedia of Human Relationships* (pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Franklin, S. B., Gibson, D. J., Robertson, P. A., Pohlmann, J. T., & Fralish, J. S. (1995). Parallel Analysis: a method for determining significant principal components. *Journal of Vegetation Science*, 6, 99-106. doi: 10.2307/3236261
- Gottman, J. M. (1979). *Marital interaction: experimental investigations*. New York: Academic Press.
- Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 1083-1093. doi: 10.1590/S0102-311X2003000400030
- Heyman, R. E., Weiss, R. L., & Eddy, J. M. (1995). Marital interaction coding system: revision and empirical evaluation. *Behaviour Research and Therapy*, 33(6), 737-746. doi: 10.1016/0005-7967(95)00003-G
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factors analysis. *Psychometrika*, 30(2), 179-185. doi: 10.1007/BF02289447
- Kerig, P. K. (1996). Assessing the links between interparental conflict and child adjustment: the conflicts and problem-solving scales. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 454-473. doi: 10.1037/0893-3200.10.4.454
- Kiecolt-Glaser, J. K., Jaremka, L., Andridge, R., Peng, J., Habash, D., Fagundes, C. P., ..., Belury, M. A. (2015). Marital discord, past depression, and metabolic responses to high-fat meals: interpersonal pathways to obesity. *Psychoneuroendocrinology*, 52,

- 239-250. doi: 10.1016/j.psyneuen.2014.11.018
- Kline, P. (1999). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. New York: The Guilford Press.
- Kurdek, L. A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, *56*, 705-722. doi: 10.2307/352880
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, *25*(2), 194-201. doi: 10.1037/a0022888
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: a computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behavioral Research Methods, Instruments and Computers*, *38*(1), 88-91. doi: 10.3758/BF03192753
- Marchand, J. F. (2004). Husbands' and wives' marital quality: the role of adult attachment orientations, depressive symptoms, and conflict resolution behaviors. *Attachment and Human Development*, *6*(1), 99-112. doi:10.1080/14616730310001659575
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2000). Avoidance and attacking conflict-resolution strategies among married couples: relations to depressive symptoms and marital satisfaction. *Family Relations*, *49*(2), 201-206. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00201.x
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2003). Mothers' and fathers' depressive symptoms and conflict-resolution strategies in the marriage and children's externalizing and internalizing behaviors. *The Journal of Genetic Psychology*, *164*(2), 227-239. doi: 10.1080/00221320309597979
- Marchand, J. F., Schedler, S., & Wagstaff, D. A. (2004). The role of parents' attachment orientations, depressive symptoms, and conflict behaviors in children's externalizing and internalizing behavior problems. *Early Childhood Research Quarterly*, *19*, 449-462. doi: 10.1016/j.ecresq.2004.07.003
- McDonald, R. P., & Ho, M. R. (2002). Principles and practice in reporting structural equation analyses. *Psychological Methods*, *7*(1), 64-82. doi: 10.1037//1082-989X.7.1.64
- McNulty, K. J., & Russell, V. M. (2010). When “negative” behaviors are positive: a contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes in relationships satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, *98*(4), 587-604. doi: 10.1037/a0017479
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural

- para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176. doi: 10.1590/S0102-311X2002000100017
- Mosmann, C. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil). Recuperado de http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=808
- Mosmann, C., Wagner, A., & Feres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300003
- Olson, D. H. (1983). *Inventories of premarital, marital, parent-child and parent-adolescent conflict*. St Paul: University of Minnesota, Family Social Science.
- Olson, D. H., & Stewart, K. L. (1991). Family systems and health behaviors. In H. E. Schroeder, (Org.), *New directions in health psychology assessment* (pp. 27-64). Nova York: Hemisphere.
- Park, M., & Unützer, J. (2014). Hundred forty eight more days with depression: the association between marital conflict and depression-free days. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 29(12), 1271-1277. doi: 10.1002/gps.4107
- Rands, M., Levinger, G., & Mellinger, G. D. (1981). Patterns of Conflict Resolution and Marital Satisfaction. *Journal of Family Issues*, 2(3), 297-231. doi: 10.1177/0192513X8100200303
- Reese-Weber, M., & Bartle-Haring, S. (1998). Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(6), 735-752. doi: 10.1023/A:1022861832406
- Roszkowski, M. J., & Soven, M. (2010). Shifting gears: consequences of including two negatively worded items in the middle of a positively worded questionnaire. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 35(1), 117-134. doi: 10.1080/02602930802618344
- Rubenstein, J. L., & Feldman, S. S. (1993). Conflict-resolution behavior in adolescent boys: antecedents and adaptational correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 3(1), 41-66. doi:10.1207/s15327795jra0301_3
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1986). The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Sexual and Relationship Therapy*, 25(1), 48-53. doi: 10.1080/14681990903550183
- Scheeren, P., Vieira, R.V. A., Goulart, V., & Wagner, A. (no prelo). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia*, 24(58), 177-186.

doi: 10.1590/1982-43272458201405

- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Parent conflict resolution styles and children's adjustment: children's appraisals and emotion regulation as mediators. *The Journal of Genetic Psychology, 172*(1), 21-39. doi: 10.1080/00221325.2010.503723.
- Sillars, A., Canary, D. J., & Tafoya, M. (2004). Communication, conflict, and the quality of family relationships. In Vangelisti, A. L. (Ed.). *Handbook of family communication* (pp. 413-446). Lawrence Erlbaum Associates.
- Sliter, K. A., & Zickar, M. J. (2014). An IRT examination of the psychometric functioning of negatively worded personality items. *Educational and Psychological Measurement, 74*(2), 214-226. doi: 10.1177/0013164413504584
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and Family, 41*(1), 75-88. doi:10.2307/351733
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The Revised Tactics Conflict Scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*(3), 283-316. doi:10.1177/019251396017003001
- Teodoro, M. L. M. (2006). Afetividade e conflito em díades familiares: avaliação com o Familiograma. *Revista Interamericana de Psicologia, 40*(3), 385-390. Recuperado de <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04041.pdf>
- Teodoro, M. L. M. (2012). Alguns instrumentos para avaliação familiar no Brasil. Em Baptista, M. N., & Teodoro, M. L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 168-175). Porto Alegre: Artmed.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática, 11*(3), 27-39. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a04.pdf>
- Wagner, A., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2010). *Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: Questões de gênero, resolução de conflitos e violência* (Projeto de pesquisa não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Wheeler, L. A., Updegraff, K. A., & Thayer, S. M. (2010). Conflict resolution in Mexican-origin couples: Culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family, 72*(4), 991-1005. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x
- Whisman, M. A., Dementyeva, A., Baucom, D. H., & Bulik, C. M. (2012). Marital functioning and binge eating disorder in married women. *The International Journal of Eating Disorders, 45*(3), 385-389. doi: 10.1002/eat.20935

Whisman, M. A., & Uebelacker, L. A. (2012). A Longitudinal investigation of marital adjustment as a risk factor for metabolic syndrome. *Health Psychology, 31*(1), 80-86. doi: 10.1037/a0025671

Anexo A

Versão reformulada do *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ

Novos itens sugeridos	Dimensão
1. Tento evitar falar sobre o assunto.	Evitação
2. Fico muito bravo(a) e começo a gritar.	Ataque
3. Tento raciocinar.	Acordo
4. Ajo de forma sarcástica.	Ataque
5. Tento acalmar as coisas.	Acordo
6. Escuto o que o outro está dizendo e tento compreender.	Acordo
7. Me fecho e guardo meus sentimentos para mim mesmo(a).	Evitação
8. Tento chegar a um acordo.	Acordo
9. Fico frio(a) e distante ou “não dou bola” para o outro.	Evitação
10. Me fecho e fico distante do meu companheiro(a).	Evitação
11. Perco o controle e falo tudo o que estou sentindo.	Ataque
12. Quanto mais falo, mais bravo(a) eu fico.	Ataque
13. Permaneço bravo(a) por um longo tempo.	Evitação
14. Fico bravo(a) e jogo o que tem pela frente na outra pessoa.	Ataque
15. Digo ou faço algo para magoar o outro.	Ataque
16. Procuo ficar sozinho(a).	Evitação
17. Assisto TV, leio um livro ou tento me distrair com outras coisas.	Evitação
18. Digo a mim mesmo(a) que o problema não é importante.	Evitação
19. Tento ficar de bom humor e faço graça com o assunto.	Evitação
20. Falo com algum amigo ou algum familiar sobre como eu me sinto.	Ataque
21. Peço desculpas ao outro.	Acordo
22. Revido da mesma forma que o outro: “dou o troco”.	Ataque

CAPÍTULO III – Artigo II
O ENFRENTAMENTO DO CONFLITO CONJUGAL NA PERSPECTIVA DE
MULHERES E HOMENS CASADOS

Resumo

O conflito conjugal é um fenômeno inerente à relação conjugal, sendo que a forma de encaminhamento dos desentendimentos é considerada um dos aspectos mais importantes para o impacto do conflito no relacionamento. Este estudo verificou o uso de estratégias construtivas e destrutivas de resolução de conflitos entre homens e mulheres, bem como sua associação a variáveis sociodemográficas e do relacionamento. Os participantes foram 750 casais heterossexuais, residentes no Rio Grande do Sul, que responderam a escala *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ acrescida de 16 questões fechadas sobre dados sociodemográficos e das características do relacionamento. Foram conduzidas análises de variância e de correlação, a fim de verificar as diferenças e associações entre as variáveis do estudo. A resolução do conflito conjugal associou-se às seguintes variáveis: ser praticante de alguma religião, tempo de relacionamento e momento do ciclo vital dos sujeitos. O maior envolvimento religioso, a maior idade e o maior tempo de relacionamento se associaram às estratégias construtivas, enquanto que a presença de filhos, trabalhar fora mais horas por dia, para as mulheres, e ter menor renda, para os homens, relacionaram-se às estratégias destrutivas. A partir desses achados, são discutidos os aspectos que podem favorecer o encaminhamento construtivo dos conflitos pelos membros do casal.

Palavras-chave: conflito conjugal, resolução de conflitos, relações conjugais

Abstract

The conflict is inherent in the marital relationship, and the resolution of disagreements is considered one of the most important aspects of the conflict to its impact in the relationship. This study investigated constructive and destructive conflict resolution strategies used by men and women, as well as its association with sociodemographic and relationship variables. Participants were 750 heterosexual couples who live in Rio Grande do Sul, who answered the Conflict Resolution Behavior Questionnaire – CRBQ and 16 closed questions about sociodemographic data and the characteristics of the relationship. Variance and correlation analyzes were conducted in order to verify the differences and associations between the study

variables. The marital conflict resolution was associated with the following variables: religious practice, length of relationship and moment of the life cycle. The religious involvement, the greater age and greater relationship length were associated with the constructive strategies, while the presence of children, women working more hours a day, and men with lower income, were related to the destructive strategies. Considering these findings, the aspects that can promote constructive management of conflicts by spouses are discussed.

Keywords: marital conflict, conflict resolution, marital relations

O conflito é considerado um fenômeno natural e intrínseco à relação conjugal, resultado de divergências de interesses, opiniões e perspectivas entre os membros do casal. Conceitualmente, pode ser definido como a oposição ostensiva entre os cônjuges, que gera desentendimentos e dificuldades no relacionamento (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2013; Fincham, 2009; Mosmann & Wagner, 2008).

Esse fenômeno está descrito na literatura especializada em quatro dimensões: conteúdo, frequência, intensidade e resolução. O conteúdo dos conflitos diz respeito aos temas que provocam as divergências e discussões entre os membros do casal. Alguns temas frequentes de conflito registrados na literatura da área são: a maneira de educar os filhos, o tempo livre do casal, finanças, tarefas domésticas, sexo (Mosmann & Falcke, 2011; Wagner & Grzybowski, 2014), disputas de poder, desconfiança, intimidade (Kurdek, 1994), divergência de ideias, personalidade do companheiro e parentes (Wagner & Grzybowski, 2014).

Pesquisas nacionais e internacionais revelam que a frequência com que os conflitos ocorrem está relacionada à insatisfação conjugal (Caughlin & Vangelisti, 2006) e a problemas de ajustamento nos filhos (Stutzman, Miller, Hollist, & Falceto, 2009). Aliada à frequência, a intensidade dos desentendimentos também contribui para problemas emocionais e de habilidades sociais nos filhos, especialmente em conflitos muito intensos e que envolvam situações de violência (Lindahl & Malik, 2011).

Por fim, a resolução é um dos fatores determinantes para o impacto que os desentendimentos exercem no relacionamento (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998), configurando-se, assim, como a dimensão mais importante do conflito conjugal. A maneira como os casais manejam e encaminham seus conflitos influencia de forma significativa não só a dinâmica conjugal, mas também todo o sistema familiar (Fincham, 2003). Nessa perspectiva, tem-se investigado as estratégias de resolução de conflitos conjugais, definidas como os comportamentos por meio dos quais os cônjuges buscam encaminhar seus desentendimentos (Marchand & Hock, 2000). A resolução dos conflitos no casal pode se dar

por meio de estratégias construtivas ou destrutivas. As estratégias construtivas incluem aceitar o ponto de vista do outro, estar aberto ao diálogo sobre o motivo de desentendimento e empenhar-se para resolver o problema. Em contraposição, estratégias destrutivas envolvem hostilidade, competição e afastamento do conflito (Rubenstein & Feldman, 1993; Sillars, Canary, & Tafoya, 2004).

A predominância do uso de estratégias construtivas na expressão e resolução dos conflitos favorece bons níveis de satisfação conjugal, saúde familiar e o desenvolvimento de habilidades sociais nos filhos (Lindahl & Malik, 2011; McCoy, George, Cummings, & Davies, 2013; Siffert & Schwarz, 2011). O uso recorrente de estratégias destrutivas, por sua vez, associa-se a problemas de comportamento nos filhos (Coln, Jordan, & Mercer, 2013; McCoy et al., 2013) e tende a aumentar a tensão familiar, produzindo mais conflitos (Lindahl & Malik, 2011; Siffert & Schwarz, 2011).

Tendo em vista o quanto a forma como os casais resolvem seus conflitos reverbera em todo o sistema familiar, têm-se estudado diversas variáveis potencialmente associadas a esse fenômeno. Alguns desses estudos enfocam variáveis tais como: o tempo de relacionamento do casal (Birditt, Brown, Orbuch, McIlvane, 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012; Woodin, 2011), a existência de filhos, o nível de escolaridade e renda (Birditt et al., 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012), a existência de uniões anteriores, o contexto de trabalho (Kamp Dush & Taylor, 2012), e a religião (Kamp Dush & Taylor, 2012; Kusner, Mahoney, Pargament, & DeMaris, 2014; Rauer & Volling, 2015).

Casais em relacionamentos mais duradouros e com idades mais avançadas tendem a apresentar baixos índices de conflito conjugal (Kamp Dush & Taylor, 2012), mais estratégias construtivas de manejo em comparação a casais mais jovens (Birditt et al., 2010). Estudos longitudinais com casais norte-americanos também demonstram que, em díades com altos índices de conflitos, os níveis dos desentendimentos assumem a forma de um U invertido ao longo do tempo de relacionamento (Kamp Dush & Taylor, 2012). Birditt et al. (2010), por exemplo, encontraram que as estratégias destrutivas e de afastamento por parte das esposas tendem a diminuir no decorrer dos anos. Sendo assim, o uso de comportamentos construtivos no manejo dos conflitos parece estabilizar-se ao longo do tempo.

A associação entre variáveis relacionadas ao tempo de convivência e estratégias construtivas pode estar relacionada ao desenvolvimento do casal, ao longo do ciclo vital conjugal. O ciclo normativo do casal está definido como uma sequência de etapas vivenciadas pela maioria dos casais, a fim de completar as tarefas da vida conjugal. Segundo

Ríos (2005), essas tarefas incluem a construção da conjugalidade e da coesão no casal, o crescimento interno e a conquista da estabilidade conjugal.

A presença de filhos também aparece associada ao conflito conjugal de diferentes formas, de acordo com a literatura. Ter filhos menores de 18 anos, ou nascidos antes da união do casal, está relacionado a maiores índices de conflito e de uso estratégias destrutivas (Birditt et al., 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012). Casais em que nenhum dos cônjuges tinha filhos antes do casamento parecem utilizar mais estratégias construtivas ao manejarem seus conflitos (Birditt et al., 2010). Em um estudo realizado com 149 casais gaúchos, constatou-se que a relação com os filhos foi o motivo mais frequente de conflitos entre os cônjuges (Mosmann & Falcke, 2011).

Altos níveis de conflito também podem ser encontrados em casais nos quais um dos membros é recasado ou em que a esposa trabalha em tempo integral (Kamp Dush & Taylor, 2012). O trabalho em tempo integral para as mulheres tende a ser mais oneroso do que para os homens, em função do acúmulo com outras atividades domésticas. No Brasil, uma análise dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) demonstrou que as mulheres trabalham em média 18 horas semanais a mais do que os homens (Dedecca, Ribeiro, & Ishii, 2009). Assim, a sobrecarga laboral feminina pode reverberar em dificuldades de manejo dos conflitos no relacionamento.

Já o envolvimento religioso está associado à menor frequência de conflitos (Kamp Dush & Taylor, 2012), padrões de comunicação mais adaptativos e comportamentos mais colaborativos durante o conflito conjugal, em comparação a casais não religiosos (Kusner et al., 2014; Rauer & Volling, 2015). Nesse sentido, a conotação sagrada do casamento e a rede de apoio formada pela comunidade religiosa podem funcionar como um fator de proteção do relacionamento conjugal (Mahoney, 2010, Mahoney, 2005).

Apesar de o conflito ser uma característica inerente ao relacionamento dos casais, poucos estudos abordam o tema no cenário nacional. No Brasil, as publicações concentram-se principalmente na perspectiva dos filhos (Boas, Dessen, & Melchiori, 2010; Goulart, 2013; Schimidt, Crepaldi, Vieira, & More, 2011), em contextos de separação ou violência (Costa, Penso, Legnani, & Sudbrack, 2009; Rosa & Falcke, 2014), na frequência e motivos associados aos desentendimentos (Mosmann & Falcke, 2011; Wagner & Grzybowski, 2014) e em estudos clínicos (Silva, 2008). Entretanto, estudos nacionais que enfoquem as particularidades do emprego de diferentes estratégias na resolução dos conflitos conjugais são escassos, sendo que foi encontrada apenas uma publicação (Garcia & Tassara, 2001), abordando o tema desde a perspectiva qualitativa.

Tendo em vista que o impacto dos conflitos é definido pela maneira como são resolvidas as divergências, o estudo das estratégias utilizadas pelos casais para manejá-las pode contribuir para propor intervenções específicas que ampliem as possibilidades dos casais encaminharem suas divergências. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar a prevalência do uso de estratégias de resolução de conflitos construtivas e destrutivas entre homens e mulheres residentes no Rio Grande do Sul. Investigou-se também como essas estratégias se associam a variáveis sociodemográficas e do contexto de relacionamento dos participantes.

Com base na literatura revisada, foram estabelecidas algumas hipóteses sobre os resultados. Espera-se que o maior tempo de relacionamento e maior idade dos participantes se associem ao menor uso de estratégias destrutivas e maior evitação do conflito, ao passo que estratégias construtivas se mantenham estáveis entre casais em diferentes fases do casamento. Supõe-se que participantes sem filhos, ou cujos filhos não residam com o casal, apresentem maior uso de estratégias construtivas em relação aos demais, assim como aqueles com maior engajamento religioso. Participantes recasados ou mulheres que trabalham mais horas por dia devem apresentar mais estratégias destrutivas do que construtivas. Não são esperadas associações entre estratégias de resolução de conflitos e escolaridade e renda, devido à prevalência de níveis relativamente altos de escolaridade e renda na amostra.

Método

Participantes

Os critérios de inclusão na amostra foram estar em um relacionamento heterossexual e em coabitação com o companheiro há no mínimo seis meses. A fim de representar ao máximo a diversidade da população gaúcha, não foram adotados critérios de exclusão. A composição da amostra se deu a partir do critério de conveniência.

Participaram do estudo 750 casais heterossexuais, entre os quais 69% eram casados oficialmente e 31% coabitavam com o companheiro há, pelo menos, seis meses. A idade média foi de 42,26 anos ($DP = 11,24$) para os homens e de 39,54 anos ($DP = 10,70$) para as mulheres. Os participantes estavam no relacionamento atual há em média 15,79 anos ($DP = 10,41$), sendo que 15% da amostra era recasada (o tempo médio do relacionamento anterior foi 8,48 meses, $DP = 6,80$). A maioria dos participantes trabalhava fora de casa (88,2% dos homens e 72,7% das mulheres) e tinha filhos (79,1% dos homens e 78,5% das mulheres), sendo que 70,8% das mulheres e 67,9% dos homens moravam com, pelo menos, um filho. Os dados referentes à escolaridade, renda e prática de religião são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Escolaridade, renda e prática de religião dos participantes, por sexo

Escolaridade	Homens	Mulheres
	% ^a (n)	% ^a (n)
Ensino Fundamental	25,5 (191)	20,4 (152)
Ensino Médio Completo	23,8 (178)	21,7 (162)
Ensino Superior Incompleto	15,2 (114)	18,1 (135)
Ensino Superior Completo	19,1 (143)	20,0 (149)
Pós-Graduação Completa	16,4 (123)	19,8 (148)
Total	100 (749)	100 (746)
Renda	Homens	Mulheres
	% ^a (n)	% ^a (n)
Sem renda	1,6 (12)	17,1 (124)
1 a 3 salários mínimos	37,8 (279)	49,4 (359)
4 a 6 salários mínimos	27,6 (204)	18,8 (137)
7 ou mais salários mínimos	33,0 (244)	14,7 (107)
Total	100 (739)	100 (727)
Pratica religião	Homens	Mulheres
	% ^a (n)	% ^a (n)
Nada	13,6 (98)	6,7 (49)
Pouco	34,8 (251)	33,2 (244)
Nem muito nem pouco	34,3 (247)	39,8 (292)
Muito	17,3 (125)	20,3 (149)
Total	100 (721)	100 (734)

^a Percentual de respostas válidas

Nota-se a predominância de participantes com alto nível de escolaridade e de renda média-alta. Aproximadamente 80% das mulheres e 75% dos homens haviam completado o ensino médio, enquanto que 39,8% das mulheres e 35,5% dos homens possuíam ensino superior concluído. A renda da maior parte da amostra variou de 1 a 6 salários mínimos (66,8%), sendo que a renda masculina foi superior à feminina. Percebe-se que a maioria dos participantes é praticante de religião em alguma medida, sendo que as mulheres são mais praticantes do que os homens.

Instrumentos

A coleta de dados integrou-se a um estudo mais amplo sobre a conjugalidade no contexto gaúcho (Wagner et. al., 2010). Foi aplicado um questionário que continha 16 perguntas fechadas sobre dados sociodemográficos, como idade, situação conjugal, escolaridade, trabalho, renda, filhos e religião. Também havia questões sobre o relacionamento amoroso, que avaliavam o tempo da relação com o cônjuge atual e relacionamentos anteriormente, e a versão traduzida do CRBQ.

O *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ (Rubenstein & Feldman, 1993, versão adaptada por Delatorre & Wagner, no prelo) avalia com que frequência são utilizados certos comportamentos na resolução de conflitos. A versão adaptada do instrumento para o contexto brasileiro é composta de 21 itens, medidos por uma escala *Likert* de cinco pontos, que varia de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*). Os itens da escala são divididos em três dimensões: *ataque*, composta por sete itens; *acordo*, composta por seis itens; e *evitação*, composta por oito itens. Os valores do alfa de Cronbach para as dimensões ataque, acordo e evitação no estudo original foram de 0,78, 0,77 e 0,73, respectivamente (Rubenstein & Feldman, 1993). A versão adaptada apresentou alfa de Cronbach de 0,74 para o ataque, 0,79 para o acordo e 0,69 para a evitação (Delatorre & Wagner, no prelo). As estratégias de ataque dizem respeito a ataques físicos ou verbais ao cônjuge, enquanto que a evitação se refere ao afastamento do conflito ou a guardar sentimentos para si mesmo. Por fim, estratégias de acordo incluem negociação, discussão conjunta de problemas e conciliação (Rubenstein & Feldman, 1993).

Procedimentos

O contato com os participantes se deu por meio de escolas, instituições que prestam assistência às famílias, como igrejas, unidades de saúde e de assistência social. Para os participantes que aceitaram colaborar com o estudo, foi marcado um encontro para aplicação dos questionários no qual a pesquisa foi explicada. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam os questionários na presença de um membro do grupo de pesquisa, que orientava os casais caso houvesse dúvidas. Em contextos como escolas e igrejas o questionário foi aplicado coletivamente, em pequenos grupos. Nas coletas domiciliares e em serviços de saúde e assistência social, a aplicação foi individual. Destaca-se que os participantes provenientes de tais serviços foram contatados por conveniência, não se tratando de população clínica. O instrumento foi respondido separadamente pelos membros do casal, de forma que um não soubesse as respostas do outro.

Os questionários foram guardados em um envelope, que foi lacrado em frente aos sujeitos para que fosse assegurado o sigilo dos dados.

Todos os procedimentos éticos de acordo com a resolução para pesquisas com seres humanos (Resolução CNS 196/96 e CFP 016/2000) foram observados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o registro CAAE 33175114.1.1001.5334.

Análises de Variância (ANOVAs) foram conduzidas para investigar se havia diferenças no uso das estratégias de resolução de conflitos entre os participantes nas diversas condições familiares e sociodemográficas. Algumas variáveis contínuas foram categorizadas, a fim de formar grupos para análise. A idade foi categorizada como: jovem (até 25 anos), adulto (26 a 40 anos), adulto maduro (41 a 60 anos) e idoso (mais de 60 anos). O tempo de relacionamento foi classificado em intervalos de 5 anos (até 5 anos, 6 a 10 anos, 11 a 15 anos, 16 a 20 anos, 21 a 25 anos e mais de 26 anos). A idade do primeiro filho foi categorizada de acordo com as fases do desenvolvimento: criança (até 12 anos), adolescente (13 a 18 anos), jovem (19 a 24 anos), adulto (25 a 40 anos), da mesma forma que a idade do participante no início do relacionamento e no nascimento do primeiro filho. O tempo de relacionamento no nascimento do primeiro filho foi categorizado da seguinte forma: tinha filhos antes do relacionamento, primeiros 5 anos, 6 a 10 anos, e mais de 10 anos. Por fim, o número de horas trabalhadas por dia foi classificado como: até 6 horas por dia, de 6 a 8 horas e mais de 10 horas por dia. Os tamanhos de efeito foram analisados por meio do eta ao quadrado (η^2) parcial, que representa a proporção de variância explicada por uma variável, excluindo a variância explicada por outras variáveis (Field, 2009). Para as variáveis prática de religião, idade, tempo de relacionamento, idade no início do relacionamento e quando teve o primeiro filho, idade do primeiro filho, horas de trabalho por dia, escolaridade e renda, foram conduzidas análises *post hoc*, utilizando o teste de *Games-Howell*, indicado para situações em que há diferenças no tamanho dos grupos das variáveis independentes. As demais variáveis tiveram seus níveis de significância estatística corrigidos pelo critério de *Bonferroni*, em função do número de análises utilizando a mesma variável dependente. Os pressupostos para a realização da ANOVA, de normalidade e homogeneidade de variância, foram atendidos. A normalidade foi avaliada por meio da assimetria e curtose (> -1 ; < 1) e do gráfico de normalidade. A homogeneidade das variâncias foi analisada por meio do teste de Levene.

Resultados

Análises descritivas foram realizadas a fim de observar o uso das estratégias de resolução de conflitos por homens e mulheres. As médias para cada estratégia e as diferenças entre homens e mulheres são apresentados na Tabela 2. As estratégias de resolução foram mensuradas por meio de escalas *likert* de 5 pontos, sendo que quanto mais altas as médias, mais frequente a utilização da estratégia.

Tabela 2

Médias e diferenças no uso das estratégias de resolução de conflitos entre homens e mulheres

Estratégias de resolução de conflitos	de	Homens <i>M (DP)</i>	Mulheres <i>M (DP)</i>	F (<i>df</i>)	η^2 parcial
Acordo		3,73 (0,72)	3,62 (0,72)	F(1, 1417) = 8,42*	0,006
Evitação		2,33 (0,62)	2,30 (0,59)	F(1, 1415) = 0,68	0,000
Ataque		1,76 (0,55)	2,00 (0,60)	F(1, 1416) = 57,20**	0,039

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Observa-se que a estratégia de resolução de conflitos mais utilizada por ambos os sexos foi o acordo, seguido pela evitação e pelo ataque. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres nas estratégias de acordo e ataque. Os homens utilizaram mais estratégias de acordo em relação às mulheres. Já o ataque foi adotado pelas mulheres com mais frequência do que pelos homens.

As diferenças de média entre as estratégias de resolução de conflitos e as variáveis sociodemográficas foram verificadas por meio de ANOVAs realizadas separadamente para homens e mulheres. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Análise de variância das estratégias de resolução de conflitos e variáveis sociodemográficas

		Acordo	η^2 parcial	Evitação	η^2 parcial	Ataque	η^2 parcial
Situação conjugal	Homens	F(1, 706) = 0,01	0,000	F(1, 701) = 0,01	0,000	F(1, 705) = 0,77	0,001
	Mulheres	F(1, 707) = 5,86*	0,008	F(1, 710) = 0,39	0,001	F(1, 707) = 10,46**	0,015
Recasamento	Homens	F(1, 697) = 0,49	0,001	F(1, 692) = 0,61	0,001	F(1, 695) = 1,01	0,001
	Mulheres	F(1, 698) = 0,53	0,001	F(1, 700) = 0,00	0,000	F(1, 696) = 2,17	0,003

Trabalha fora	Homens	$F(1, 699) = 2,70$	0,004	$F(1, 695) = 0,06$	0,000	$F(1, 698) = 0,35$	0,001
	Mulheres	$F(1, 700) = 0,20$	0,000	$F(1, 702) = 2,38$	0,003	$F(1, 701) = 2,44$	0,003
Pratica religião	Homens	$F(3, 679) = 5,05^{**}$	0,022	$F(3, 674) = 1,26$	0,006	$F(3, 676) = 5,04^{**}$	0,022
	Mulheres	$F(3, 690) = 2,54^{**}$	0,019	$F(3, 692) = 2,70^*$	0,012	$F(3, 690) = 4,29^{**}$	0,018
Tem filhos	Homens	$F(1, 707) = 0,16$	0,000	$F(1, 702) = 7,48^*$	0,011	$F(1, 706) = 0,08$	0,000
	Mulheres	$F(1, 707) = 1,69$	0,002	$F(1, 710) = 7,79^*$	0,011	$F(1, 707) = 4,00$	0,006
Coabitação com filhos	Homens	$F(1, 561) = 2,00$	0,004	$F(1, 559) = 0,67$	0,001	$F(1, 560) = 0,01$	0,000
	Mulheres	$F(1, 553) = 2,46$	0,004	$F(1, 559) = 0,50$	0,000	$F(1, 554) = 5,36^*$	0,010
Idade	Homens	$F(3, 708) = 0,48$	0,002	$F(3, 702) = 1,63$	0,007	$F(3, 706) = 1,19$	0,005
	Mulheres	$F(3, 708) = 2,86^*$	0,012	$F(3, 711) = 0,36$	0,002	$F(3, 708) = 4,86^{**}$	0,020
Tempo de relacionamento	Homens	$F(5, 698) = 0,70$	0,005	$F(5, 693) = 3,46^{**}$	0,025	$F(5, 697) = 0,21$	0,001
	Mulheres	$F(5, 702) = 0,51$	0,004	$F(5, 705) = 1,81$	0,013	$F(5, 703) = 2,60^*$	0,018
Idade do primeiro filho	Homens	$F(3, 529) = 0,18$	0,001	$F(3, 528) = 1,06$	0,006	$F(3, 529) = 0,56$	0,003
	Mulheres	$F(3, 535) = 0,34$	0,002	$F(3, 541) = 2,70^*$	0,015	$F(3, 536) = 2,68^*$	0,015
Idade no início relacionamento	Homens	$F(2, 692) = 4,29^*$	0,012	$F(2, 686) = 0,40$	0,001	$F(2, 690) = 5,69^{**}$	0,016
	Mulheres	$F(2, 693) = 1,12$	0,003	$F(2, 696) = 1,26$	0,004	$F(2, 695) = 1,45$	0,004
Tempo relacionam. primeiro filho	Homens	$F(3, 516) = 1,27$	0,007	$F(3, 514) = 1,30$	0,008	$F(3, 515) = 0,33$	0,002
	Mulheres	$F(3, 525) = 0,10$	0,001	$F(3, 531) = 2,74^*$	0,015	$F(3, 527) = 0,23$	0,001
Idade nascimento primeiro filho	Homens	$F(2, 528) = 1,69$	0,006	$F(2, 526) = 1,18$	0,004	$F(2, 527) = 3,55^*$	0,013
	Mulheres	$F(2, 534) = 4,05^*$	0,015	$F(2, 540) = 4,03^*$	0,015	$F(2, 535) = 2,35$	0,009
Escolaridade	Homens	$F(4, 704) = 0,24$	0,001	$F(4, 699) = 0,70$	0,004	$F(4, 702) = 0,36$	0,002
	Mulheres	$F(4, 700) = 0,88$	0,005	$F(4, 703) = 1,82$	0,010	$F(4, 700) = 1,45$	0,008
Renda	Homens	$F(3, 695) = 0,19$	0,001	$F(3, 690) = 1,07$	0,005	$F(3, 693) = 2,80^*$	0,012
	Mulheres	$F(3, 683) = 0,99$	0,004	$F(3, 686) = 1,37$	0,006	$F(3, 682) = 0,10$	0,000
Horas de trabalho/dia	Homens	$F(2, 650) = 0,44$	0,001	$F(2, 646) = 1,26$	0,004	$F(2, 649) = 0,67$	0,002
	Mulheres	$F(2, 523) = 0,63$	0,002	$F(2, 523) = 3,00^*$	0,011	$F(2, 521) = 0,81$	0,003

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

As estratégias de evitação foram mais utilizadas por homens e mulheres com filhos ($M = 2,36$, $M = 2,34$, respectivamente) do que pelos participantes sem filhos ($M = 2,21$ para os homens e $M = 2,19$ para as mulheres). Mulheres que coabitavam com o companheiro utilizaram mais a estratégia de ataque ($M = 1,95$) do que as oficialmente casadas ($M = 1,85$).

As análises *post hoc* demonstraram que tanto homens ($M = 3,85$) como mulheres ($M = 3,75$) que se consideram como muito praticantes da sua religião utilizam mais estratégias de

acordo, comparados aos que praticavam pouco ($M = 3,50$, mulheres) ou nada ($M = 3,49$, homens). O efeito inverso foi encontrado considerando as diferenças entre o uso do ataque e prática de religião, isto é, participantes que se consideram muito praticantes de religião apresentam menores índices de uso do ataque ($M = 1,87$ para mulheres e $M = 1,59$ para homens), em relação aos demais (nada $M = 1,85$, pouco $M = 1,80$ e nem muito nem pouco $M = 1,77$ para homens e nada $M = 2,17$ e pouco $M = 2,06$ para mulheres). O ataque também foi a estratégia mais frequentemente utilizada por homens com renda de 1 a 3 salários mínimos, em relação aos que recebem 4 a 6 salários mínimos mensais. Por fim, mulheres que trabalhavam de seis a oito horas por dia utilizaram mais a evitação ($M = 2,36$) em comparação às que trabalhavam até seis horas ($M = 2,20$).

Com relação às variáveis relacionadas ao ciclo vital, as análises *post hoc* demonstraram que mulheres de 41 a 60 anos utilizaram mais o acordo ($M = 3,68$) do que as de até 25 anos ($M = 3,41$). As participantes de 26 a 40 anos utilizaram mais o ataque ($M = 2,06$) do que as de 41 a 60 ($M = 1,93$) e com mais de 60 anos ($M = 1,72$). Essas últimas também atacaram menos em relação às participantes de até 25 anos ($M = 2,12$). Já o tempo de relacionamento apresentou efeitos estatisticamente significativos para homens e mulheres. Homens em relacionamentos entre 21 a 25 anos evitaram mais os conflitos ($M = 2,50$) em comparação com os que estavam com a companheira há até 5 anos ($M = 2,20$). Para as mulheres, participantes em um relacionamento entre 11 a 15 anos ($M = 2,09$) utilizaram mais o ataque em comparação àquelas que estavam com o cônjuge há 26 anos ou mais ($M = 1,86$). As estratégias de resolução de conflitos apresentaram diferenças em função da idade do primeiro filho apenas para as mulheres. As participantes com filhos jovens utilizaram mais a evitação ($M = 2,47$) em relação àquelas com filhos adolescentes ($M = 2,26$), enquanto que o ataque foi mais utilizado pelas mulheres com filhos na infância ($M = 2,04$) em comparação com as que tinham filhos na idade adulta ($M = 1,85$). Para os homens, a idade no início do relacionamento apresentou efeitos estatisticamente significativos nas estratégias de acordo e ataque. Participantes que iniciaram o relacionamento na idade jovem ($M = 3,76$) ou adulta ($M = 3,74$) utilizaram mais o acordo do que aqueles que o fizeram na adolescência ($M = 3,42$). Em contrapartida, homens para os quais o início do relacionamento ocorreu na juventude ($M = 1,83$) utilizaram mais o ataque em comparação aos que iniciaram na idade adulta. Por fim, a idade e o tempo de relacionamento no nascimento do primeiro filho não apresentaram nenhuma diferença estatisticamente significativa entre as estratégias de resolução de conflitos nas análises *post hoc*, apesar de ter havido diferenças gerais na ANOVA, conforme a Tabela 3.

Assim, para as mulheres, nota-se um conjunto de variáveis que dizem respeito à maturidade (idade, tempo de relacionamento idade no início do relacionamento, idade do primeiro filho) associadas ao aumento de estratégias construtivas e diminuição de estratégias destrutivas no manejo dos conflitos do relacionamento conjugal. Para os homens, alguns resultados acompanham o mesmo padrão. A idade no início do relacionamento apresentou associação positiva com a estratégia de acordo. Já o tempo de relacionamento atual e a idade no início do relacionamento se relacionaram negativamente às estratégias destrutivas no enfrentamento dos conflitos conjugais.

Discussão

A forma como os casais encaminham seus conflitos reverbera na saúde dos cônjuges, na dinâmica conjugal, e no sistema familiar como um todo (Fincham, 2003). Assim, o estudo das estratégias por meio das quais os casais manejam suas divergências e das variáveis associadas ao emprego de cada uma pode contribuir para a delimitação mais precisa de intervenções junto aos casais. Nessa perspectiva, a partir da análise de como os casais gaúchos manejam seus conflitos, buscou-se entender que fatores se encontram associados a determinadas estratégias de resolução de conflitos conjugais.

As hipóteses estabelecidas por meio da literatura foram parcialmente confirmadas. Conforme o esperado, os participantes com mais envolvimento religioso, maior idade e maior tempo de relacionamento, reportaram utilizar estratégias construtivas no enfrentamento dos conflitos conjugais com mais frequência em relação aos demais. A ausência de filhos não se relacionou com o uso de estratégias construtivas conforme havia sido previsto, porém, participantes que tinham filhos evitaram mais o conflito em comparação aos que não tinham. A hipótese de que participantes recasados utilizariam mais estratégias destrutivas não foi confirmada. Contudo, mulheres que trabalhavam maior número de horas por dia utilizaram mais a estratégia de evitação, de acordo com o previsto.

Não eram esperadas diferenças na resolução dos conflitos em função da escolaridade e da renda, porém, houve um efeito relacionado à renda para os homens. A renda baixa associou-se às estratégias destrutivas em homens que recebiam até três salários mínimos mensais, comparados àqueles que ganhavam de quatro a seis. Apesar de ter sido um efeito pontual, esse resultado pode estar refletindo dificuldades de manejo dos conflitos na presença de estressores externos, como a escassez de recursos financeiros, por exemplo. Essa

dificuldade fica mais evidente entre os homens, os quais costumam ser os principais provedores da família (Rocha-Coutinho, 2005).

A religião foi uma das variáveis contextuais mais importantes para diferenciar as estratégias de resolução de conflitos utilizadas pelos participantes. O manejo construtivo dos desentendimentos por indivíduos que praticam intensamente alguma religião pode estar relacionado ao ritual efetuado na maioria das religiões com conotação de um vínculo importante, que se mantém perante a sociedade. Além disso, religiões como a Católica e as denominações protestantes atribuem um status sagrado ao casamento, considerando-o um vínculo que deve ser mantido ao longo de toda a vida (Kusner et al., 2014; Mahoney, 2010). Essa visão pode contribuir para que os cônjuges invistam mais no relacionamento, adotando comportamentos de empatia, de aceitação e de negociação. Além disso, a rede de apoio formada pela comunidade religiosa possibilita aos seus participantes formas alternativas de encaminhamento dos conflitos. Alguns exemplos são as práticas de aconselhamento, os rituais de reconciliação e o reforço da ideia de que o sofrimento vivenciado no encaminhamento dos conflitos é parte da espiritualidade inerente ao casamento (Mahoney, 2005).

Ainda assim, a prática religiosa pode ter efeitos diversos no encaminhamento dos conflitos. A evitação mais frequente dos conflitos por mulheres praticantes de religião pode estar relacionada à ideia de resignação e à estrutura patriarcal presentes na tradição Judaico-Cristã, que prescreve papéis e comportamentos com base no gênero dos cônjuges (Mahoney, 2005). De acordo com essa visão, os homens possuiriam traços mais acentuados em termos de lógica, força e assertividade, que os capacitariam para exercer a autoridade no lar. Já as mulheres seriam mais vulneráveis, sensíveis e preocupadas com a estabilidade relacional e, por isso, estariam predispostas a ceder o papel de liderança ao marido (Ellison & Bartkowski, 2002). Dessa forma, a evitação do conflito pelas mulheres pode ser resultado da crença de que a submissão é parte do papel feminino, e de que estas devem promover o marido como líder e chefe da família.

A duração do relacionamento e a idade dos cônjuges na vivência das crises evolutivas vitais do casal (Ríos, 2005) também parece ser importante para o encaminhamento dos conflitos pelos membros do casal. A forma de resolução dos conflitos apresentou associações com indicadores relacionados ao ciclo vital conjugal, de acordo com o registro da literatura em outros estudos (Birditt et al., 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012; Woodin, 2011). Essa associação corrobora a ideia de que a coesão e a estabilidade são processos que se desenvolvem continuamente no casal (Ríos, 2005). Por um lado, pode-se pensar que, com o

passar do tempo de relacionamento há um acúmulo de vivências e experiências que o casal enfrenta na vida a dois, o que favorece maior conhecimento de um membro sobre o outro no enfrentamento da vida em geral. O conhecimento do outro facilita a forma de abordá-lo, principalmente em situações críticas e conflitivas, podendo reverberar na seleção de estratégias mais construtivas no encaminhamento dos conflitos. Sendo assim, é possível que os casais mais jovens e com pouco tempo de convivência e conhecimento um do outro, especialmente em momentos em que novas tarefas no ciclo vital aparecem, encontrem dificuldades no enfrentamento de seus conflitos.

Contudo, o maior tempo de relacionamento não implica necessariamente em melhor saúde conjugal. O casal, enquanto sistema vivo, necessita de desenvolvimento contínuo e de flexibilidade no enfrentamento das diversas demandas que surgem ao longo da vida a dois. A paralisação desse processo ameaça a sobrevivência do casal (Ríos, 2005). Esse estancamento do crescimento na relação de conjugalidade fica mais evidente em relacionamentos mais longos. Assim, a associação positiva entre o tempo de relacionamento e a evitação do conflito, por parte dos homens, também pode estar refletindo um desgaste de relações em que os casais não conseguem evoluir na mesma medida em que se modificam as demandas conjugais e familiares. Da mesma forma, o uso significativamente mais frequente da evitação entre casais com filhos pode indicar a dificuldade de lidar com a chegada de novos membros no sistema familiar. Esse resultado vai ao encontro da literatura (Birditt et al., 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012) e reforça a hipótese de que o *spillover*, ou seja, o transbordamento dos conflitos de um subsistema para outro, acontece não só da conjugalidade para a parentalidade (Mosmann, 2007; Mosmann & Wagner, 2008), mas também ocorre no sentido inverso (Mosmann & Falcke, 2011).

A relação entre os aspectos relacionados ao ciclo vital e as estratégias de resolução de conflitos também pode estar mediada por questões de gênero. O significado atribuído pelas mulheres ao relacionamento pode ter contribuído para que mulheres em coabitação com o companheiro enfrentassem os conflitos de maneira agressiva com mais frequência em relação às casadas oficialmente. Em um contexto em que o casamento ainda é valorizado devido aos aspectos afetivos e sociais, a oficialização da união pode fornecer a formatação do vínculo que reverbera em maior sensação de segurança emocional. É possível que a situação de coabitação, em que os casais prescindem dos rituais e da formalização do vínculo, provoque uma sensação de descompromisso, culminando em menor cuidado com o outro, expresso em estratégias de enfrentamento mais imediatistas e pouco construtivas. Esse efeito fica mais

evidente entre as mulheres, já que para essas a interdependência emocional parece ser mais central para a auto-imagem em relação aos homens (Kiecolt-Glasser & Newton, 2001).

O encaminhamento destrutivo dos conflitos entre as mulheres também pode estar relacionado às intensas cargas de trabalho. O uso mais acentuado da evitação por mulheres que trabalham maior número de horas por dia pode ser um efeito da dupla ou tripla jornada de trabalho feminina. Embora o efeito tenha sido baixo, resultados semelhantes foram encontrados no estudo conduzido por Kamp Dush e Taylor (2012). É possível que o acúmulo das tarefas domésticas, de cuidado dos filhos e do trabalho formal (Dedecca et al., 2009) provoquem esgotamento, que implica na falta de disponibilidade e energia para discutir os assuntos relacionados ao casamento.

Entretanto, alguns autores argumentam que as mulheres tendem a utilizar mais estratégias que pressupõem envolvimento, tanto positivo quanto negativo, enquanto os homens adotam posturas mais defensivas (Birditt et al., 2010; Woodin, 2011). De fato, as mulheres desta amostra utilizam o ataque com mais frequência em relação aos homens. Porém, estes últimos adotaram estratégias de acordo com mais frequência em comparação com as mulheres, contrariando a ideia de que os homens tendem a assumir posturas defensivas ou evitar o conflito. Essas diferenças também podem expressar os diferentes papéis e funções exercidos por homens e mulheres no relacionamento. Além do acúmulo de tarefas laborais e domésticas, a família ainda tende a ser o contexto mais significativo para a mulher (Kiecolt-Glasser & Newton, 2001), o que justificaria o maior envolvimento dessas últimas no conflito. É possível que esse resultado esteja associado ao uso de medidas de autorrelato, uma vez que em outras pesquisas com casais da mesma população, constatou-se que os homens tendem a avaliar os relacionamentos de forma mais positiva do que as mulheres (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2008).

De maneira geral, os fatores contextuais que mais se destacaram em relação ao manejo dos conflitos conjugais foram a religiosidade das pessoas e as variáveis relacionadas ao tempo de relacionamento e ao momento evolutivo vital. Cabe ressaltar que os tamanhos de efeito encontrados foram baixos, e por isso devem ser interpretados com cautela. A partir desses achados, pode-se pensar que outras variáveis relacionadas a esses fatores possam mediar a relação entre o contexto e a resolução de conflitos. É possível que o estabelecimento de metas comuns, a existência de apoio social ao casal, de estabilidade no relacionamento, e a condição de flexibilizar de cada cônjuge, sejam elementos subjacentes aos resultados encontrados. Nesse sentido, é necessário que se investigue em profundidade esses elementos, identificando o papel de cada um no encaminhamento dos conflitos pelo casal, a fim de

estabelecer focos de intervenção com casais que apresentem dificuldades relacionadas ao encaminhamento de seus desentendimentos.

Algumas limitações podem ser apontadas no presente estudo. A utilização de uma amostra proveniente de apenas um estado do Brasil não permite que os resultados encontrados sejam generalizados para a população brasileira. Em função disso e dos baixos tamanhos de efeito, é necessário que amostras mais diversificadas sejam estudadas, a fim de verificar se os resultados encontrados neste estudo se mantêm. Além disso, apenas variáveis contextuais foram investigadas em relação ao manejo do conflito conjugal. Tendo em vista a complexidade desse fenômeno, sugere-se que estudos futuros investiguem o papel de outras variáveis, tanto relacionais quanto individuais, no conflito entre casais. A combinação entre métodos qualitativos e quantitativos também poderia contribuir para a compreensão da dinâmica estabelecida entre o casal na resolução dos conflitos conjugais.

Referências

- Birditt, K. S., Brown, E., Orbuch, T. L., & McIlvane, J. M. (2010). Marital Conflict Behaviors and Implications for Divorce Over 16 Years. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1188–1204. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00758.x
- Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 91-102.
- Caughlin, J. P., & Vangelisti, A. L. (2006). Conflict in dating and marital relationships. In Oetzel, J. G. & Ting-Toomey, S. (Eds.). *The SAGE Handbook of Conflict Communication: integrating theory, research, and practice*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. doi: 10.4135/9781412976176
- Coln, K. L., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2013). A unified model exploring parenting practices as mediators of marital conflict and children's adjustment. *Child Psychiatry and Human Development*, 44(3), 419-429. doi: 10.1007/s10578-012-0336-8
- Costa, L. F., Penso, M. A., Legnani, V. N., & Sudbrack, M. F. O. (2009). As competências da psicologia jurídica na avaliação psicossocial de famílias em conflito. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 233-241. doi: 10.1590/S0102-71822009000200010
- Deddeca, C. S., Ribeiro, C. S. M. F., Ishii, F. H. (2009). Gênero e jornada de trabalho: Análise das relações entre mercado de trabalho e família. *Trabalho, Educação e Saúde*, 7(1), 65-90. doi: 10.1590/S1981-77462009000100004

- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. Estratégias de resolução de conflitos conjugais: Evidências de validade do CRBQ. *Avaliação Psicológica* (no prelo).
- Ellison, C. G., & Bartkowski, J. P. (2002). Conservative Protestantism and the Division of Household Labor among Married Couples. *Journal of Family Issues*, 23(8), 950-985. doi: 10.1177/019251302237299
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychotherapy*, 19(2), 170–186. doi:10.1080/08975350801905020
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. In: Féres-Carneiro, T. (Ed). *Casal e família: Transmissão, conflito e violência*. (pp. 159-174). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. 2.ed. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: Correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Science*, 12(23), 23-27. doi: 10.1111/1467-8721.01215
- Fincham, F. D. (2009). Marital conflict. *Encyclopedia of Human Relationships*, 1, (pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 635-642. doi: 10.1590/S0102-79722001000300019
- Goulart, V. R., & Wagner, A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 392-408. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v65n3/06.pdf>
- Kamp Dush, C. M., & Taylor, M. G. (2012). Trajectories of marital conflict across the life course: Predictors and interactions with marital happiness trajectories. *Journal of Family Issues*, 33(3), 341-368. doi: 10.1177/0192513X11409684
- Kiecolt-Glaser, J. K., & Newton, T. L. (2001). Marriage and health: his and hers. *Psychological Bulletin*, 127(4), 472-503. doi: 10.1037//0033-2909.127.4.472
- Kurdek, L. A. (1994). Areas of conflict for gays, lesbian and heterosexual couples: what couples argue about influences relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 56(4), 923-934. doi: 10.2307/353603
- Kusner, K. G., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2014). Sanctification of marriage and spiritual intimacy predicting observed marital interactions across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 28(5), 604-614. doi: 10.1037/a0036989

- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology, 25*(2), 194-201. doi: 10.1037/a0022888
- Mahoney, A. (2005). Religion and conflict in marital and parent-child relationships. *Journal of Social Issues, 61*(4), 689-706. doi: 10.1111/j.1540-4560.2005.00427.x
- Mahoney, A. (2010). Religion in families, 1999 – 2009: a relational spirituality framework. *Journal of Marriage and Family, 72*(4), 805-827. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00732.x
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2000). Avoidance and attacking conflict-resolution strategies among married couples: Relations to depressive symptoms and marital satisfaction. *Family Relations, 49*(2), 201-206. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00201.x
- McCoy, K. P., George, M. R. W., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2013). Constructive and destructive marital conflict, parenting, and children's school and social adjustment. *Social Development, 22*(1), 641-662. doi: 10.1111/sode.12015
- Mosmann, C. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil). Recuperado de http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=808
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP, 12*(2), 5-16.
- Mosmann, C., & Wagner, A. (2008). Dimensiones de la conyugalidad y de la parentalidad: Un modelo correlacional. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación, 10*(2), 79-103. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80212387005>
- Rauer, A., & Volling, B. (2015, March 2). The role of relational spirituality in happily-married couples' observed problem-solving. *Psychology of Religion and Spirituality*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/rel0000022>
- Reese-Weber, M., & Bartle-Haring, S. (1998). Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships. *Journal of Youth and Adolescence, 27*(6), 735-752. doi: 10.1023/A:1022861832406
- Ríos, J. A. (2005). Los ciclos vitales de la pareja. In Ríos, J. A. *Los ciclos vitales de la familia y la pareja: Crisis u oportunidades?* (pp. 145-213). Madrid: Editorial CCS.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: A maternidade para mulheres. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.

- Rosa, L. W., & Falcke, D. (2014). Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Revista da SPAGESP*, 15(1), 17-32. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v15n1/v15n1a03.pdf>
- Rubenstein, J. L., & Feldman, S. S. (1993). Conflict-resolution behavior in adolescent boys: Antecedents and adaptational correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 3(1), 41–66. doi:10.1207/s15327795jra0301_3
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & More, C. L. O. O. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: Uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 89-106.
- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Parent conflict resolution styles and children's adjustment: children's appraisals and emotion regulation as mediators. *The Journal of Genetic Psychology*, 172(1), 21-39. doi: 10.1080/00221325.2010.503723.
- Sillars, A., Canary, D. J., & Tafoya, M. (2004). Communication, conflict, and the quality of family relationships. In Vangelisti, A. L. (Ed.). *Handbook of family communication* (pp. 413-446). Lawrence Erlbaum Associates.
- Silva, J. E. M. (2008). Mediação de conflitos conjugais: A persistência do conflito e o olhar clínico. *Contextos Clínicos*, 1(1), 36-42.
- Stutzman, S. V., Miller, R. B., Hollist, C. S., & Falceto, O. G. (2009). Effects of marital quality on children in Brazilian families. *Journal of Comparative Family Studies*, 40(3), 475-492.
- Wagner, A., & Grzybowski, L. S. (2014). Como os filhos percebem o relacionamento conjugal de seus pais? In Arpini, D. M., & Cúnico, S. D. (Orgs.). *Novos olhares sobre a família: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos* (pp. 39-53). Curitiba: CRV.
- Wagner, A., et al. (2010). *Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: Questões de gênero, resolução de conflitos e violência* (Projeto de pesquisa não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Woodin, E. M. (2011). A two-dimensional approach to relationship conflict: Meta-analytic findings. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 325-335. doi: 10.1037/a0023791

CAPÍTULO IV – Artigo III
O CONFLITO CONJUGAL: ANÁLISE DOS PERFIS DE RESOLUÇÃO E DA
QUALIDADE CONJUGAL

Resumo

A qualidade conjugal, no que diz respeito aos conflitos, pode ser descrita em termos da flexibilidade na resolução dos desentendimentos. Assim, este estudo buscou identificar perfis de resolução de conflitos, estabelecendo os níveis de qualidade associados a cada perfil, por meio da comparação dos índices de qualidade conjugal entre os perfis. Os participantes foram 750 casais heterossexuais, residentes no Rio Grande do Sul, que responderam as escalas *Conflict Resolution Behavior Questionnaire – CRBQ* e ao *Golombok Rust Inventory of Marital State - GRIMS*, acrescidas de 16 questões fechadas sobre dados sociodemográficos e das características do relacionamento. Foi realizada uma Análise de Perfis Latentes, a fim de classificar os participantes quanto à forma de resolução dos conflitos conjugais, além de análises de variância e de associação, para verificar as relações entre os perfis de resolução e as demais variáveis do estudo. Quatro perfis foram identificados: Evitador, Validador, Hostil e Volátil, sendo que o Validador apresentou maior qualidade conjugal, seguido pelos perfis Evitador e Volátil, que não apresentaram diferenças entre si, e pelo Hostil, que apresentou baixos índices de qualidade conjugal. A partir desses resultados, são discutidos os níveis de qualidade conjugal associados a cada perfil.

Palavras-chave: conflito conjugal; resolução de conflitos; qualidade conjugal; relações conjugais

Abstract

The marital quality, regarding to conflicts, can be described in terms of flexibility in solving disagreements. This study aimed to identify conflict resolution profiles, and assess quality levels associated with each profile, through the comparison of marital quality scores between profiles. Participants were 750 heterosexual couples who live in Rio Grande do Sul, and completed the Conflict Resolution Behavior Questionnaire - CRBQ, the Golombok Rust Inventory of Marital State - GRIMS, and 16 closed questions about sociodemographic data and the relationship. A Latent Profile Analysis was performed in order to classify participants regarding conflict resolution. Variance and association analysis were also conducted in order

to examine relationships between the resolution profiles and other study variables. Four profiles were identified: Avoider, Validator, Hostile and Volatile. The Validator profile showed higher marital quality, followed by Avoider and Volatile profiles, which did not differ from each other, and the Hostile, which showed low levels of marital quality. Considering these results, the marital quality levels associated with each profile are discussed.

Keywords: marital conflict; conflict resolution; marital quality; marital relations

A condição de relacionar-se de forma íntima, com um(a) parceiro(a) amoroso, é uma importante tarefa da vida adulta (Wright, Simmons, & Campbell, 2007), sendo que o casamento ainda faz parte dos projetos de vida para a maioria dos jovens no Brasil (Falcke & Zordan, 2010; Zordan & Wagner, 2009). Nessa perspectiva, o conflito conjugal, enquanto fenômeno inerente aos relacionamentos, é um aspecto importante na avaliação da conjugalidade, pois tem implicações na saúde mental, física e familiar (Fincham, 2003). Esse fenômeno está definido como a oposição ostensiva entre os cônjuges, que gera desentendimentos e dificuldades no relacionamento, e tem sido estudado a partir de quatro dimensões: conteúdo, frequência, intensidade e resolução (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2013; Fincham, 2009).

Dentre as quatro dimensões que compõem o conflito conjugal, a resolução pode ser considerada a mais importante, pois é determinante para o impacto do conflito no relacionamento e suas reverberações (Reese-Weber & Bartle-Haring, 1998). As estratégias de resolução de conflitos são os comportamentos por meio dos quais os cônjuges buscam encaminhar as divergências entre si (Marchand & Hock, 2000). Essas estratégias podem ser construtivas ou destrutivas, de acordo com funcionalidade ou disfuncionalidade que resultam de sua aplicação. As estratégias construtivas envolvem a abertura ao diálogo, a aceitação do ponto de vista do outro e o comprometimento na resolução do problema. Já as estratégias destrutivas incluem comportamentos hostis, competitivos e o afastamento do conflito (Rubenstein & Feldman, 1993; Sillars, Canary, & Tafoya, 2004).

Apesar da ênfase dada na literatura à dicotomia entre estratégias construtivas e destrutivas, alguns estudos demonstram que ambos os tipos de estratégias podem acarretar consequências positivas e negativas (Gottman, 1993; Gottman & Krokoff, 1989; Sillars et al., 2004). Um estudo longitudinal utilizando dados observacionais de casais norte-americanos encontrou associações distintas entre padrões de comunicação e satisfação conjugal a curto e longo prazo. A comunicação verbal positiva se relacionou à satisfação conjugal a curto prazo, mas mostrou-se disfuncional três anos depois. Em contraposição, o envolvimento no conflito,

incluindo comunicação positiva e negativa, foi preditor de insatisfação no casamento no primeiro momento do estudo, e de aumento da satisfação conjugal ao longo do tempo. Os autores sugerem que a confrontação das divergências, por si só, é funcional para o casamento a longo prazo (Gottman & Krokoff, 1989). Outro estudo longitudinal com 207 casais norte-americanos revelou que a relação entre a interação negativa e a satisfação conjugal foi mediada pela severidade dos problemas enfrentados pelo casal. Assim, a interação negativa diminuiu a satisfação de casais que enfrentavam problemas menos graves, mas melhorou a satisfação com o relacionamento para cônjuges que enfrentavam problemas severos (McNulty & Russell, 2010).

Os efeitos negativos da evitação do conflito, por sua vez, podem ser minimizados quando essa estratégia é utilizada na tentativa de proteger o relacionamento (Caughlin & Afifi, 2004) ou quando há demonstração cotidiana de afeto entre o casal (Caughlin & Huston, 2002). Já nos casos em que a utilização da evitação é associada à falta de proximidade no relacionamento, há um aumento da insatisfação conjugal (Caughlin & Afifi, 2004). Assim, evitar o conflito na tentativa de mascarar sentimentos hostis pode ter significados e consequências diferentes de utilizar a evitação em um contexto em que há uma relação de afeto positiva (Sillars et al., 2004).

Dessa forma, no que diz respeito aos conflitos, pode-se pensar na saúde conjugal em termos da capacidade de acomodação e flexibilidade na utilização das estratégias de resolução pelos membros da díade. A flexibilidade diz respeito à capacidade de responder às mudanças internas e externas do contexto, com maleabilidade suficiente para atender a diferentes demandas (Wagner, Tronco, & Armani, 2011).

Outro indicador da saúde do relacionamento é a qualidade conjugal vivenciada por ambos membros do casal. A qualidade conjugal é um construto multidimensional e sua mensuração inclui aspectos relativos ao contexto dos sujeitos envolvidos, aos recursos pessoais dos cônjuges e aos seus processos adaptativos, sendo a satisfação com o relacionamento incluída nessa última dimensão (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). A satisfação conjugal está definida como o grau de satisfação, confiança, respeito e interesse compartilhados pelos cônjuges no relacionamento (Falcke, 2003).

Estudos demonstram associações entre a qualidade conjugal e a resolução dos conflitos entre os membros do casal (McNulty & Russell, 2010; Scheeren, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014; Wheeler, Updegraff, & Thayer, 2010). De maneira geral, maiores níveis de qualidade conjugal se associam às estratégias construtivas de encaminhar os desentendimentos, enquanto que estratégias destrutivas se relacionam à menor qualidade

conjugal. Por exemplo, Wheeler et al. (2010), estudando 227 casais norte-americanos de origem mexicana, encontraram que o uso de mais estratégias construtivas de resolução, menos evitação e menos controle (tentativas de dominar a interação) se associaram à maior satisfação conjugal. Já Scheeren et al. (2014) verificaram o papel da resolução dos conflitos enquanto mediadores do impacto dos apego sobre a qualidade conjugal, investigando uma amostra de 214 casais gaúchos. As autoras encontraram que o apego inseguro, quando associado à hostilidade ou ao afastamento na resolução das divergências, diminui os níveis de qualidade conjugal. Em contraposição, o apego seguro, em conjunto com estratégias construtivas de encaminhamento dos conflitos, melhora a qualidade conjugal.

Assim, nota-se que diversos estudos relacionam as estratégias de resolução a variáveis relacionadas à saúde, como a qualidade e a satisfação conjugal, ou a transtornos, como a depressão (Du Rocher Schudlich, Papp, & Cummings, 2004; Marchand & Hock, 2003; Papp, Goekey-Morey, & Cummings, 2007), a fim de verificar quais estratégias são funcionais ou disfuncionais. Porém, poucos estudos estabelecem perfis de resolução baseados na combinação de estratégias utilizadas, tendo em vista que os cônjuges não encaminham seus conflitos sempre da mesma maneira. Nesse sentido, a Teoria do Equilíbrio Conjugal (Gottman, 1993) propõe uma tipologia de casais que classifica os relacionamentos em estáveis e instáveis, com base no balanceamento e na regulação de comportamentos positivos e negativos dos cônjuges.

Os relacionamentos de tipo estável organizam-se em três subtipos: evitador, volátil e validador, que representam diferentes formas de equilibrar aspectos positivos e negativos da relação conjugal. Os três subtipos têm possibilidades semelhantes de manter a estabilidade do relacionamento (Gottman & Notarius, 2000). Casais evitadores não possuem estratégias específicas de resolução de conflitos, atribuindo pouca importância à aceitação de diferenças. As discussões são calmas e pouco frequentes; em contrapartida, os cônjuges tendem a ser emocionalmente distantes. Já os casais voláteis apresentam altos níveis de afetos positivos e negativos, que se complementam para manter a estabilidade. Por fim, o tipo validador é intermediário em relação aos níveis de afeto apresentado. Os casais se envolvem ativamente nos conflitos, mas tendem a discuti-los calmamente, validando os argumentos e sentimentos do outro antes de apresentar o próprio ponto de vista (Gottman, 1993).

O tipo instável contempla os subtipos hostil e hostil/distante. Os casais hostis se caracterizam pelo forte engajamento no conflito e postura defensiva, geralmente por parte de ambos. Para os casais hostis/distantes, soma-se a baixa disponibilidade para ouvir o ponto de vista do companheiro. A instabilidade no relacionamento destes casais está associada à

incongruência entre os estilos de interação dos membros do casal e à incapacidade de acomodação desses estilos de maneira adaptativa (Gottman, 1993).

A tipologia identificada por Gottman também foi encontrada em outros estudos. Por exemplo, Ladd e McCrady (2015), pesquisando 169 casais americanos que buscavam terapia de casal em função do abuso de álcool, encontraram perfis correspondentes aos tipos Evitador, Validador e Hostil, além de um perfil divergente, denominado de Ambivalente-Separado pelos autores. Esses perfis foram obtidos por meio de uma Análise de Cluster, realizada com os escores de um sistema de codificação para a observação da interação de casais em terapia relacionada ao álcool (Ladd & McCrady, 2015). Outra pesquisa, analisando dados longitudinais sobre satisfação e conflito de 2033 casais americanos, encontrou os cinco tipos postulados pela Teoria do Equilíbrio Conjugal: Validador, Evitador, Volátil, Hostil e Hostil-Distante (Kamp Dush & Taylor, 2012). Outros estudos (Lindahl & Malik, 2011; Williams, 2014) também encontraram perfis com características semelhantes aos de Gottman, ainda que os autores não tenham utilizado essa tipologia como critério de classificação.

Assim, tendo como base a Teoria do Equilíbrio Conjugal (Gottman, 1993), este estudo buscou identificar perfis de resolução de conflitos na amostra estudada, estabelecendo os níveis de qualidade conjugal associados a cada perfil. Além de mapear a prevalência dos diferentes estilos de resolução de conflitos na amostra, o estabelecimento dos perfis permite levar em conta a flexibilidade no manejo dos conflitos, reconhecendo que as estratégias de resolução podem ser funcionais ou disfuncionais em diferentes situações.

Método

Participantes

A amostra utilizada para este estudo foi composta a partir do critério de conveniência. Os critérios de inclusão foram: estar em um relacionamento heterossexual e em coabitação com o companheiro há, pelo menos, seis meses. Critérios de exclusão não foram adotados, a fim de representar ao máximo a diversidade da população gaúcha.

Os participantes do estudo foram 750 casais heterossexuais, casados oficialmente (69%) ou que coabitavam com o companheiro (31%) há, pelo menos, seis meses. A idade média foi de 40,90 anos ($DP = 11,07$) e o tempo médio de relacionamento, de 15,79 anos ($DP = 10,41$), sendo que 15% da amostra era recasada. Para os recasados, o tempo médio do relacionamento anterior foi 8,48 meses ($DP = 6,80$). A idade média dos participantes no início do relacionamento foi de 25,25 ($DP = 6,82$) anos, sendo que a média de idade e de

tempo de relacionamento no nascimento do primeiro filho foram de 27,20 ($DP = 5,86$) anos, e 1,86 ($DP = 6,41$) anos, respectivamente. A maioria dos participantes declarou trabalhar fora de casa (80,5%), em média 8,63 horas por dia, e ter filhos (79,2%). Destes últimos, 87,5% moravam com, pelo menos, um filho e 15,5% já tinham, pelo menos, um filho antes do casamento. Na Tabela 1 são apresentados os dados referentes à escolaridade, à renda e à prática de religião entre os participantes.

Tabela 1

Escolaridade, Renda e Prática de Religião entre os participantes

Escolaridade	% ^a (n)
Ensino Fundamental	22,9 (343)
Ensino Médio Completo	22,7 (340)
Ensino Superior Incompleto	16,7 (249)
Ensino Superior Completo	19,5 (292)
Pós-Graduação Completa	18,1 (271)
Total	100 (1495)
Renda	% ^a (n)
Sem renda	9,3 (136)
1 a 3 salários mínimos	43,5 (638)
4 a 6 salários mínimos	23,3 (341)
7 ou mais salários mínimos	23,9 (351)
Total	100 (1466)
Pratica religião	% ^a (n)
Nada	10,1 (147)
Pouco	34,0 (495)
Nem muito nem pouco	37,1 (539)
Muito	18,8 (274)
Total	100 (1455)

^a Percentual de respostas válidas

A maioria dos participantes tinha escolaridade fundamental ou média e renda de até três salários mínimos. Ainda assim, a amostra apresenta escolaridade e renda mais altos em relação à população geral (IBGE, 2012). Quanto à religiosidade, nota-se a predominância de participantes que são praticantes de religião em alguma medida, sendo que mais da metade da amostra se concentra nas categorias centrais (*pouco e nem muito nem pouco*).

Todos os respondentes residiam no Rio Grande do Sul, sendo 56,3% na região

metropolitana e 43,7% no interior (regiões noroeste, nordeste, central e sudoeste), abrangendo 67 dos 497 municípios gaúchos. As regiões metropolitana, nordeste e central têm economia baseada na indústria, serviços e agropecuária, enquanto que no noroeste e sudoeste as principais práticas econômicas são a agropecuária e o comércio (Rovani, Oliveira, & Cassol, 2010). Os maiores índices de desenvolvimento humano municipal (IDHM) encontram-se nas regiões nordeste, noroeste, e metropolitana, seguidas pelo centro e sudoeste e, por fim, pelo sudeste (IBGE, 2010). Com relação à abrangência regional, cabe mencionar que houve apenas um casal representante do sudoeste e nenhum do sudeste. Essas regiões incluem áreas de fronteira com a Argentina e o Uruguai, o que certamente influencia os valores e a cultura local. Assim, apesar do número expressivo de participantes, a amostra não pode ser considerada representativa de todo o estado ou do país.

Instrumentos

A coleta de dados se deu como parte integrante de um estudo mais amplo sobre a conjugalidade no contexto gaúcho (Wagner et. al., 2010). Foi aplicado um questionário sobre dados sociodemográficos, como idade, situação conjugal, escolaridade, trabalho, renda, filhos e religião. Também havia questões sobre o relacionamento amoroso, que contemplavam o tempo da relação com o cônjuge atual e relacionamentos anteriormente, a versão adaptada do *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ e a versão adaptada do *Golombok Rust Inventory of Marital State* – GRIMS.

O *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ (Rubenstein & Feldman, 1993, versão adaptada por Delatorre & Wagner, no prelo) avalia com que frequência determinados comportamentos são utilizados na resolução de conflitos. A versão adaptada do CRBQ para o contexto brasileiro é composta de 21 itens, medidos por uma escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*). Os itens da escala se distribuem em três dimensões: ataque, composta por sete itens; acordo, composta por seis itens; e evitação, composta por oito itens. A pontuação do instrumento é obtida por meio do cálculo da média dos itens de cada subescala. O alfa de Cronbach para as dimensões ataque, acordo e evitação apresentou valores de 0,78, 0,77 e 0,73, respectivamente, no estudo original (Rubenstein & Feldman, 1993) e de 0,74, 0,79 e 0,69 na versão adaptada (Delatorre & Wagner, no prelo). A dimensão “ataque” se refere a ataques físicos ou verbais ao cônjuge, enquanto que a “evitação” diz respeito ao afastamento do conflito ou a guardar sentimentos para si mesmo. Por fim, o “acordo” abrange a negociação, a discussão conjunta de problemas e a conciliação (Rubenstein & Feldman, 1993).

O *Golombok Rust Inventory of Marital State* – GRIMS (Rust, Bennun, Crowe, & Golombok, 1986, adaptado por Falcke, 2003) avalia a qualidade conjugal por meio da satisfação, da comunicação, dos interesses compartilhados, da confiança e do respeito entre o casal. O instrumento é composto por 28 itens medidos por meio de uma escala *Likert* que varia de 0 (*discordo fortemente*) a 3 (*concordo fortemente*), sendo que 14 itens devem ter a pontuação invertida. A pontuação é calculada por meio da soma dos itens e, quanto maior o escore obtido, maiores os problemas no relacionamento. Os autores recomendam os seguintes pontos de corte para a interpretação dos escores: 0 a 16 = indefinido, 17 a 21 = muito bom, 22 a 25 = bom, 26 a 29 = acima da média, 30 a 33 = média, 34 a 37 = pobre, 38 a 41 = ruim, 42 a 46 = problemas severos, 47 ou mais = problemas muito severos. O alfa de Cronbach obtido pelos autores do GRIMS foi de 0,92 para os homens e de 0,90 para as mulheres (Rust et al., 1986). Neste estudo, o alfa de Cronbach foi de 0,88.

Procedimentos

Os participantes foram contatados por meio de escolas e instituições que prestam assistência às famílias, como igrejas, unidades de saúde e de assistência social. Para os participantes que concordaram em colaborar com o estudo, foi marcado um encontro para aplicação dos questionários, no qual a pesquisa foi explicada e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado. A aplicação dos questionários foi realizada em pequenos grupos, de forma coletiva, em contextos como escolas e igrejas. Já nas coletas domiciliares e em serviços de saúde ou assistência social, o questionário foi aplicado de forma individual, casal a casal. Ressalta-se que os participantes oriundos de tais serviços foram contatados por conveniência, não se tratando de população clínica. O questionário foi respondido separadamente pelos membros do casal, de modo a assegurar que um não soubesse as respostas do outro. Os instrumentos foram guardados em um envelope, que foi lacrado em frente aos sujeitos, a fim de que o sigilo dos dados fosse garantido.

Foram observados todos os procedimentos éticos, de acordo com a resolução para pesquisas com seres humanos (Resolução CNS 196/96 e CFP 016/2000). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o CAAE 33175114.1.1001.5334.

Análise dos dados

Inicialmente, foi realizada uma Análise de Perfis Latentes (*Latent Profile Analysis* – LPA), a fim de classificar os participantes quanto à forma de resolução dos conflitos

conjugais. A LPA é um modelo de mensuração que busca identificar o menor número de perfis latentes que descrevem um conjunto de variáveis observadas contínuas, chamadas de indicadores, por meio de regressões multivariadas (Muthén & Muthén, 1998-2012). O uso desta técnica apresenta algumas vantagens em relação a outras abordagens, como a Análise de Cluster, uma vez que é gerado um índice de ajuste ao modelo e probabilidades associadas à classificação dos indivíduos aos perfis (Honkaniemi, Feldt, Metsäpelto, & Tolvanen, 2013).

Os indicadores utilizados nesta análise foram as médias obtidas pelos participantes em cada uma das três subescalas do CRBQ. O método de estimação para a LPA foi o *Maximum likelihood with robust standard errors* (MLR). Para determinar o número de perfis, os índices: entropia, *log-likelihood*, *Akaike Information Criterion* (AIC), *Bayesian Information Criterion* (BIC) e *Lo-Mendel-Rubin likelihood ratio test* (LMR-LRT) para cada modelo testado foram comparados entre si. A entropia é uma medida da qualidade de classificação, com base nas probabilidades de pertencimento aos perfis para cada indivíduo. Essa medida varia de 0 a 1, sendo que quanto maior o valor de entropia, melhor a classificação dos indivíduos. O valor mínimo recomendado para que a solução seja válida é de 0,70 (Honkaniemi et al., 2013). Já o *log-likelihood*, o AIC e o BIC são medidas utilizadas para comparar a qualidade do ajuste entre modelos com diferentes números de perfis, nas quais valores menores refletem melhor qualidade de ajuste. Por fim, o LMR-LRT é usado para comparar modelos com diferentes números de perfis latentes, indicando que o modelo com um perfil a menos é mais parcimonioso em caso de valor não significativo, considerando $p < 0,05$ (Weich et al., 2011).

Após a determinação dos perfis, foi conduzida uma Análise de Variância Multivariada (MANOVA), a fim de verificar se havia diferença entre os grupos em relação à qualidade conjugal e também às variáveis: idade (anos), tempo de relacionamento (meses), idade no início do relacionamento (anos) e no nascimento do primeiro filho (anos), tempo de relacionamento quando do nascimento do primeiro filho (anos) e número de horas trabalhadas por dia. Os tamanhos de efeito foram analisados por meio do eta ao quadrado (η^2) parcial, que representa a proporção de variância explicada por uma variável, excluindo a variância explicada por outras variáveis (Field, 2009). Análises *post hoc*, utilizando o teste de *Games-Howell*, foram realizadas para comparar os perfis entre si.

Por fim, utilizou-se o teste Qui-quadrado para verificar as diferenças entre os perfis em relação às variáveis sociodemográficas categóricas. Foram incluídas na análise as variáveis: sexo, região de residência (metropolitana ou interior), situação conjugal (casamento ou união estável/morando juntos), o quanto se considera praticante de religião (nada, pouco, nem muito nem pouco, ou muito), trabalha fora (sim ou não), filhos (sim ou não), algum filho mora com

o casal (sim ou não), tinha filhos antes do casamento (sim ou não), escolaridade (fundamental, médio, superior incompleto, superior completo, ou pós-graduação) e renda (sem renda, de 1 a 3 salários mínimos, de 4 a 6 salários mínimos, ou mais de 7 salários mínimos).

Resultados

Cinco modelos foram estimados por meio da LPA. Nessa análise, os perfis latentes populacionais (modelados) explicam a variabilidade de respostas nos indicadores comportamentais. Assim, o ajuste de diversos modelos aos dados é testado. Com base na comparação entre os índices de ajuste (Tabela 2), o modelo com quatro perfis latentes foi selecionado.

Tabela 2

Índices de ajuste da Análise de Perfis Latentes de acordo com o número de perfis

Número de perfis	Entropia	Log-likelihood	AIC	BIC	LMR-LRT	Tamanho dos perfis n (%)						
2	0,57	-4099,89	8219,79	8272,92	485,90*	862 (57)	638 (43)					
3	0,70	-4007,66	8043,32	8117,70	184,47*	751 (50)	672 (45)	77 (5)				
4	0,75	-3963,46	7962,92	8058,56	88,39*	45 (3)	633 (42)	80 (5)	742 (50)			
5	0,67	-3931,83	7907,66	8024,55	63,26*	52 (4)	52 (4)	635 (42)	329 (22)	432 (28)		
6	0,74	-3914,69	7881,38	8019,52	34,28	16 (1)	56 (4)	409 (27)	589 (39)	350 (24)	80 (5)	

* $p < 0,01$

Na Tabela 2, observa-se que os índices AIC, BIC e LMR-LRT decrescem a cada aumento no número de perfis, enquanto que a entropia aumenta até o modelo 4, decaindo no 5. Ainda que a entropia volte a aumentar no modelo 6, o LMR-LRT mostra que não há diferença significativa entre os modelos 5 e 6. Assim, levando em conta os índices como um todo, considerou-se o modelo com 4 perfis como o de melhor ajuste. Na Tabela 3 são apresentadas as médias das estratégias de resolução de conflitos para cada perfil.

Tabela 3

Médias das estratégias de resolução de conflitos, geral e por perfil

	Ataque M (DP)	Acordo M (DP)	Evitação M (DP)
Geral	1,88 (0,59)	3,67 (0,72)	2,32 (0,60)
Perfil 1	1,39 (0,27) [±]	2,27 (0,42) [•]	1,75 (0,40) [•]
Perfil 2	1,44 (0,31) [±]	4,20 (0,50) [±]	1,98 (0,48) [±]
Perfil 3	3,29 (0,40) [×]	2,83 (0,61) [×]	2,82 (0,58) [×]

Perfil 4	2,13 (0,37) [†]	3,39 (0,53) [†]	2,62 (0,48) [†]
Diferença entre perfis	F(3, 1496) = 944,06*	F(3, 1496) = 461,33*	F(3, 1496) = 269,19*

* $p < 0,001$

Nota. Dentro de cada estratégia, símbolos idênticos indicam não haver diferenças de média entre os perfis (teste *post hoc* de *Games-Howell*).

Analisando a Tabela 3, nota-se que no Perfil 1 foram relatados os menores índices para todas as estratégias de resolução de conflitos. Esse perfil foi classificado como Evitador, baseado em Gottman (1993), ainda que a frequência de evitação tenha sido baixa. Na classificação de Gottman, os casais evitadores apresentaram menores índices tanto em interações positivas quanto negativas em relação aos demais, suplantando-os apenas no que diz respeito ao afastamento. É possível que a forma de coleta dos dados explique essa diferença. Gottman utilizou dados observacionais e, assim, o afastamento e comportamentos evasivos puderam ser observados diretamente na observação do casal. Neste estudo, a coleta por meio do autorrelato pode ter feito com que os participantes que costumam evitar conflitos tendessem a minimizar a ocorrência dos mesmos, reportando baixa frequência para todos as estratégias de resolução das divergências.

Já o Perfil 2 apresentou o maior índice de acordo, e o segundo menor índice tanto de ataque (diferença não significativa em relação ao perfil anterior) como de evitação, classificando-o como Validador, conforme a tipologia proposta por Gottman (1993). De acordo com o autor, esse tipo de casal costuma encaminhar os conflitos de forma calma, validando o ponto de vista do outro e buscando soluções cooperativas, com baixa ocorrência de comportamentos agressivos e evasivos.

O Perfil 3, por sua vez, apresentou a maior frequência de comportamentos de ataque e de evitação, e também o segundo menor uso de acordo. Esse perfil foi classificado como Hostil, caracterizado por relacionamentos instáveis, em que os cônjuges se utilizam de ataques e de comportamentos defensivos durante os conflitos (Gottman, 1993).

Por fim, o Perfil 4 apresentou o segundo maior índice de acordo, mas também o segundo maior índice de ataque e de evitação, comparado aos demais perfis. Os altos níveis tanto de comportamentos positivos quanto negativos enquadram esses participantes no tipo Volátil, que tendem a encaminhar os conflitos de forma intensa, tanto no que diz respeito aos aspectos positivos quanto negativos (Gottman, 1993).

Na análise das diferenças de média por perfil, foi encontrado um efeito multivariado significativo, Λ de Wilks = 0,74, $F(15, 2523,55) = 19,66$, $p < 0,001$, η^2 parcial = 0,10. As

diferenças de média entre os perfis para as variáveis associadas ao contexto de relacionamento e de trabalho dos participantes são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4

MANOVA das variáveis de relacionamento e trabalho de acordo com os perfis de resolução de conflitos

	Evitador M (DP)	Validador M (DP)	Hostil M (DP)	Volátil M (DP)	F	df	p	η^2 parcial
Qual Conjugal	32,93 (8,8)**	22,84 (9,4) [†]	39,05 (11,4) [±]	32,40 (9,1) ^{±x}	92,21	3	>0,001	0,232
Idade	44,25 (13,7)*	40,95 (11,2)*	35,80 (10,6)**	41,22 (10,7) ^{x†}	3,86	3	0,009	0,012
Tempo relac	243,27 (149,9)*	179,85 (126,1)**	148,16 (105,3)**	198,89 (122,3) ^{x±}	5,55	3	0,001	0,018
Idade inic relac	24,39 (5,1)*	26,16 (7,5)**	24,03 (7,0)*	24,66 (6,2) ^{x±}	4,85	3	0,002	0,016
Idade prim filh	26,97 (6,6)*	27,80 (6,0)**	24,69 (6,6) ^{x±}	26,99 (5,6)*	4,95	3	0,002	0,016
Tmp rel prim fi	2,99 (4,6)*	1,40 (6,9)*	0,50 (5,6)*	2,29 (6,1)*	2,83	3	0,037	0,009
Horas trab/dia	9,67 (3,0)*	8,61 (2,1)*	8,03 (2,1)*	8,67 (2,2)*	2,06	3	0,104	0,007

Nota. Símbolos idênticos indicam não haver diferenças de média entre os perfis, de acordo com o teste *post hoc* de *Games-Howell*.

Qual Conjugal = qualidade conjugal; Tempo relac = tempo de relacionamento; Idade inic relac = idade no início do relacionamento; Idade prim filh = idade quando teve o primeiro filho; Tmp rel prim fi = tempo de relacionamento quando teve o primeiro filho; Horas trab/dia = número de horas de trabalho por dia.

Todas as variáveis analisadas, com exceção do tempo de relacionamento quando teve o primeiro filho e número de horas de trabalho por dia, apresentaram diferenças significativas em relação aos perfis de resolução dos conflitos. A qualidade conjugal foi a variável para a qual os perfis mais apresentaram diferenças, e também com o maior tamanho de efeito, sendo que apenas os perfis Evitador e Volátil não divergiram entre si. De acordo com os pontos de corte do GRIMS, os casais pertencentes aos perfis Evitador e Volátil apresentam nível médio de qualidade conjugal, enquanto que o perfil Validador apresenta um bom nível de qualidade conjugal e, o perfil Hostil, possui média baixa nesse aspecto. Já a idade foi maior para o perfil Volátil, em relação ao Hostil, e a idade no início do relacionamento foi maior para o perfil Validador em comparação ao Volátil. A idade quando do nascimento do primeiro filho também foi maior para o perfil Validador em relação ao Hostil. Por fim, o tempo de relacionamento foi maior no perfil Volátil, comparado aos perfis Validador e Hostil. Na Tabela 5, são apresentadas as análises de qui-quadrado para as variáveis sociodemográficas por perfil de resolução de conflitos.

Tabela 5

Qui-quadrado das variáveis sociodemográficas de acordo com os perfis de resolução de conflitos

		Evitador N (%)	Validador N (%)	Hostil N (%)	Volátil N (%)	X ² (df)	p	V de Cramer
Sexo	Masculino	24 (3,2)	359 (47,9)*	22 (2,9) [#]	345 (46) [#]	X ² (3) = 31,46	> 0,001	0,14
	Feminino	21 (2,8)	274 (36,5) [#]	58 (7,7)*	397 (52,9)*			
Região	Metropol.	17 (2) [#]	332 (39,3) [#]	45 (5,3)	451 (53,4)*	X ² (3) = 16,15	0,001	0,10
	Interior	28 (4,3)*	301 (46)*	35 (5,3)	291 (44,4) [#]			
Situação Conjugal	Casado(a)	30 (2,9)	444 (42,9)	40 (3,9) [#]	520 (50,3)	X ² (3) = 14,48	0,002	0,10
	Un. estável	15 (3,2)	188 (40,4)	40 (8,6)*	222 (47,7)			
	Nada	5 (3,4)	57 (38,8)	11 (7,5)	74 (50,3)			
Prática Religião	Pouco	13 (2,6)	175 (35,4) [#]	28 (5,7)	279 (56,4)*	X ² (9) = 24,97	0,003	0,08
	Nem muito nem pouco	16 (3)	247 (45,8)*	32 (5,9)	244 (45,3) [#]			
	Muito	10 (3,6)	136 (49,6)*	8 (2,9) [#]	120 (43,8) [#]			
Trabalha Fora	Sim	32 (2,7)	499 (41,9)	65 (5,5)	596 (50)	X ² (3) = 2,49	0,477	0,04
	Não	12 (42)	126 (43,6)	13 (4,5)	138 (47,8)			
Filhos	Sim	37 (3,1)	485 (41)	58 (4,9)	602 (50,9)	X ² (3) = 6,43	0,09	0,06
	Não	8 (2,5)	148 (46,5)	22 (6,9)	140 (44)			
Coabitã o filhos	Sim	28 (2,7)	425 (40,9)	57 (5,5)	530 (51)	X ² (3) = 9,23	0,026	0,09
	Não	9 (6,1)	61 (41,2)	2 (1,4)	76 (51,4)			
Filhos antes da união	Sim	3 (1,7)	76 (43,7)	14 (8)	81 (46,6)	X ² (3) = 6,53	0,089	0,08
	Não	30 (3,2)	380 (40,2)	41 (4,3)	494 (52,3)			
Escolarida de	Fundamental	17 (5)	139 (40,5)	25 (7,3)	162 (47,2)	X ² (12) = 28,50	0,005	0,08
	Médio	15 (4,4)	158 (46,5)	19 (5,6)	148 (43,5)			
	Superior Inc.	3 (1,2)	99 (39,8)	16 (6,4)	131 (52,6)			
	Superior Comp.	6 (2,1)	121 (41,4)	10 (3,4)	155 (53,1)			
	Pós-Graduaçã	2 (0,7)	116 (42,8)	10 (3,7)	143 (52,8)			
Renda	Sem renda	3 (2,2)	53 (39)	6 (4,4)	74 (54,4)	X ² (9) = 24,36	0,004	0,07
	1 a 3 salários	27 (4,2)*	264 (41,4)	49 (7,7)*	298 (46,7) [#]			
	4 a 6 salários	8 (2,3)	155 (45,5)	14 (4,1)	164 (48,1)			
	7 ou mais	4 (1,1) [#]	143 (40,7)	11 (3,1) [#]	193 (55)*			

Nota. * = presença de mais casos do que o esperado conforme a hipótese nula; # = menos casos observado do que o esperado conforme a hipótese nula. As diferenças de proporção mantêm-se significativas após a correção do nível α pelo método *Bonferroni* ($\alpha = 0,004$).

A Tabela 5 mostra que os homens foram classificados com maior frequência no perfil Validador, enquanto que mais mulheres foram classificadas nos perfis Hostil e Volátil, em

relação ao esperado se não houvesse diferenças entre os grupos. No que diz respeito à religião, houve mais participantes pouco praticantes no perfil Volátil, enquanto que um maior número de participantes que se consideravam praticantes de alguma religião foram identificados como Validadores. Com relação à região de residência, foram observados mais participantes da região metropolitana no perfil Volátil, e mais respondentes do interior nos perfis Evitador e Validador. A situação conjugal apresentou efeito apenas no perfil Hostil, sendo que mais participantes em união estável foram classificados no mesmo. Finalmente, houve mais respondentes com renda entre 1 e 3 salários mínimos nos perfis Evitador e Hostil, e mais participantes que ganhavam 7 ou mais salários mínimos no perfil Volátil.

Discussão

O encaminhamento dos conflitos é um componente importante da dinâmica conjugal, sendo que a capacidade de acomodação e a flexibilidade no manejo dos desentendimentos são fundamentais para a manutenção da saúde do casal. Assim, este estudo buscou identificar perfis de resolução de conflitos, a partir das estratégias utilizadas pelos participantes para encaminhar seus desentendimentos. Esses perfis foram associados aos níveis de qualidade conjugal dos participantes.

Quatro perfis de resolução de conflitos foram identificados e relacionados à tipologia de Gottman: Evitador, Validador, Hostil e Volátil. De acordo com a Teoria do Equilíbrio Conjugal, os três subtipos de casais estáveis, Evitador, Validador e Volátil, têm possibilidades semelhantes de manter a estabilidade no relacionamento (Gottman & Notarius, 2000). Contudo, as relações entre os perfis encontrados neste estudo e a qualidade conjugal sugerem um cenário diferente. Os perfis Validador e Hostil se diferenciam claramente dos demais no que diz respeito à qualidade conjugal, sendo que, de um lado, o perfil Validador apresentou maior qualidade no relacionamento e, por outro lado, o perfil Hostil teve mais problemas conjugais. Em contrapartida, o fato dos perfis Evitador e Volátil não apresentarem diferenças entre si neste aspecto sugere que esses perfis são intermediários quanto à qualidade conjugal.

De fato, há evidências de que o efeito negativo da evitação dos conflitos pode ser atenuado pelas características individuais, pela motivação para adotar essa estratégia (Caughlin & Afifi, 2004) ou pela demonstração frequente de afeto positivo entre o casal (Caughlin & Houston, 2002). Entretanto, a evitação frequente dos conflitos impede que estes sejam encaminhados de forma efetiva, resultando em um acúmulo de afetos negativos que tende a retornar a cada novo desentendimento (Mosmann & Falcke, 2011). Assim, ainda que

evitar os conflitos conjugais nem sempre traga consequências negativas, a adoção da evitação como estratégia principal de resolução parece intermediária no que diz respeito à qualidade conjugal.

Já o ataque, presente acima da média geral dos participantes no perfil Volátil, combinado a níveis intermediários de acordo e evitação, pode ser funcional em algumas situações específicas. O estudo conduzido por Gottman e Krokoff (1989) demonstrou que o envolvimento no conflito, mesmo que de forma negativa, pode ser funcional a longo prazo. Estudos subsequentes indicaram que esse efeito está associado a situações em que há problemas severos no relacionamento (McNulty & Russell, 2010) e em que a confrontação entre os cônjuges é direta (Overall, Fletcher, Simpson, & Sibley, 2009). Esse panorama parece não se aplicar ao perfil Volátil, uma vez que esses casais apresentaram nível médio de qualidade conjugal.

Assim, a despeito da ideia de que a negatividade só é problemática quando não balanceada com afetos e comportamentos positivos, e que a evitação só é disfuncional em níveis muito altos (Gottman, 1993), os resultados encontrados neste estudo sugerem que o perfil Validador está associado a melhor qualidade conjugal. No outro extremo, o perfil Hostil é o que mais traz prejuízos para o relacionamento. Já os perfis Evitador e Volátil, com níveis médios de qualidade conjugal, parecem não implicarem em relacionamentos disfuncionais, por si só. É possível que, por dependerem do equilíbrio em relação a comportamentos positivos e negativos, os resultados associados à qualidade conjugal para pessoas pertencentes a esses perfis sejam mais dependentes do contexto e de outros aspectos associados ao relacionamento.

O fato dos participantes classificados como Voláteis terem sido mais jovens no início do relacionamento em relação aos Validadores, por exemplo, pode estar demonstrando que os indivíduos que iniciam o relacionamento em idades em que é mais difícil ter atitudes de negociação e empatia tenham mais dificuldades em modificar esses comportamentos. O perfil Volátil também esteve associado a indivíduos que se consideram pouco praticantes de religião, a moradores da região metropolitana, e ao rendimento de sete ou mais salários mínimos ao mês. O baixo envolvimento religioso pode estar relacionado aos níveis médios de ataque encontrados nesse perfil. O enfraquecimento dos vínculos religiosos pode fazer com que a ideia de que o casamento é algo sagrado (Kusner, Mahoney, Pargament, & DeMaris, 2014; Mahoney, 2010) seja relativizada, abrindo espaço para o descomprometimento, que pode vir a culminar no uso de estratégias destrutivas. O inverso ocorre no perfil Validador, que se associou aos participantes muito praticantes de religião.

De forma semelhante, ser morador da região metropolitana geralmente implica estar em cidades maiores, nas quais tende a haver um menor senso de comunidade. Por um lado, a comunidade pode ser uma fonte de apoio aos cônjuges, o que pode explicar a associação do perfil Validador aos moradores do interior. De outro lado, a associação do perfil Validador a morar no interior, e do Volátil a residir na região metropolitana, talvez esteja relacionada ao fato de que pertencer a uma comunidade também pode significar estar exposto ao julgamento dos pares. Além disso, o ritmo de vida acelerado das grandes cidades, comparado à maior possibilidade de tranquilidade no interior, pode contribuir para um estilo de resolução de conflitos mais imediatista e agressivo, como o do perfil Volátil. De fato, há evidências de que a associação entre urbanização e baixa qualidade conjugal seja moderada pelo nível de integração social, de forma que a associação só exista quando há baixo nível de integração social (Barton, Futris, & Nielsen, 2014). Não foram encontradas explicações teóricas para a associação entre a renda de sete ou mais salários mínimos e o perfil Volátil.

No que diz respeito ao perfil Hostil, é possível que a associação à coabitação esteja relacionada ao fato de que, nessa situação, não há ritualização e formalização do vínculo, o que pode provocar uma sensação de insegurança e descompromisso, que resulta em estratégias pouco construtivas e imediatistas. Esse perfil também apresentou associação com o sexo feminino, enquanto que ser do sexo masculino se associou ao perfil Validador. Alguns estudos apontam que as mulheres tendem a utilizar mais estratégias de envolvimento, enquanto que os homens utilizam estratégias mais evasivas ou defensivas (Birditt, Brown, Orbuch, McIlvane, 2010; Wheeler et al., 2010; Woodin, 2011). Os homens também tendem a avaliar os relacionamentos de forma mais positiva do que as mulheres, especialmente em medidas de autorrelato (Falcke, Wagner, & Mosmann, 2008). Contudo, esses aspectos não são suficientes para explicar o fato de que os homens tenham sido associados ao perfil mais positivo e, as mulheres, ao mais negativo. Novos estudos com outras amostras e outros tipos de medidas são necessários para esclarecer esse resultado.

Esses achados trazem algumas implicações para os contextos clínico e de pesquisa com casais. A análise dos perfis de resolução associados à qualidade conjugal demonstra que a interação conjugal positiva, baseada na escuta, validação de pontos de vista, cooperação e negociação, aliada à baixa frequência de comportamentos evasivos e hostis pode servir como modelo, por estar associada à boa qualidade conjugal. Entretanto, é preciso que os terapeutas de casal reconheçam que nem todos os casais funcionam da mesma maneira. Outros modelos de funcionamento conjugal, em que há menos confrontação dos conflitos ou em que as interações são emocionalmente mais intensas, por exemplo, podem ser reforçados sem que

haja prejuízos para o relacionamento, de acordo com as características de cada cônjuge, do casal e seu contexto. Nesses casos, é possível que o equilíbrio entre os aspectos positivos e negativos seja mais tênue e, por isso, mais pesquisas são necessárias para investigar em que condições se consegue manter esse equilíbrio, e que outras variáveis estão implicadas nesse processo.

Algumas limitações deste estudo podem ser apontadas. O fato dos dados terem sido coletados em apenas um estado do Brasil não permite que os dados sejam generalizados. Ainda que os perfis identificados tenham replicado em parte a tipologia encontrada por Gottman (1993), é necessário que amostras provenientes de outras regiões do país sejam analisadas, a fim de verificar se os resultados se mantêm. Além disso, a coleta de dados por meio do autorrelato traz algumas limitações, como os vieses de memória e de gênero e o fato de que casais que evitam desentendimentos ou minimizam o impacto dos conflitos no relacionamento podem reportar frequências de conflito mais baixas do que realmente ocorrem. Por fim, tendo em vista que perfis de interação são formados pelos elementos presentes no relacionamento, mas também pelas características de cada membro do casal, sugere-se que novos estudos investigando perfis de resolução de conflitos conjugais investiguem o papel de variáveis individuais, como a personalidade dos cônjuges, por exemplo.

Referências

- Barton, A. W., Futris, T. G., & Nielsen, R. B. (2014). With a little help from our friends: Couple social integration in marriage. *Journal of Family Psychology, 28*(6), 986-991. 2014, Vol. 28, No. 6, 986–991. doi: 10.1037/fam0000038
- Birditt, K. S., Brown, E., Orbuch, T. L., & McIlvane, J. M. (2010). Marital Conflict Behaviors and Implications for Divorce Over 16 Years. *Journal of Marriage and Family, 72*(5), 1188–1204. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00758.x
- Caughlin, J. P., & Afifi, T. D. (2004). When is topic avoidance is unsatisfying? Examining moderators of the association between avoidance and dissatisfaction. *Human communication Research, 30*(4), 479-513. doi: 10.1111/j.1468-2958.2004.tb00742.x
- Caughlin, J. P., & Huston, T. L. (2002). A contextual analysis of the association between demand/withdraw and marital satisfaction. *Personal Relationships, 9*(1), 95-119. doi: 10.1111/1475-6811.00007

- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. Estratégias de resolução de conflitos conjugais: Evidências de validade do CRBQ. *Avaliação Psicológica* (no prelo).
- Du Rocher Schudlich, T. D., Papp, L. M., & Cummings, E. M. (2004). Relations of husbands' and wives' dysphoria to marital conflict resolution strategies. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 171-183. doi: 10.1037/0893-3200.18.1.171
- Falcke, D. (2003). *Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da qualidade do relacionamento conjugal*. (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychotherapy, 19*(2), 170–186. doi: 10.1080/08975350801905020
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. In: Féres-Carneiro, T. (Ed). *Casal e família: Transmissão, conflito e violência*. (pp. 159-174). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2), 143-155. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a13.pdf>
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. 2.ed. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: Correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Science, 12*(23), 23-27. doi: 10.1111/1467-8721.01215
- Fincham, F. D. (2009). Marital conflict. *Encyclopedia of Human Relationships* (pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and clinical psychology, 61*(1), 6-15. doi: 10.1037/0022-006X.61.1.6
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 57*(1), 47-52. doi: 10.1037/0022-006X.57.1.47
- Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2000). Decade review: Observing marital interaction. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 927–947. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00927.x

- Honkaniemi, L., Feldt, T., Metsäpelto, R. L., & Tolvanen, A. (2013). Personality types and applicant reactions in real life selection. *International Journal of Selection and Assessment*, 21(1), 32-45. doi: 10.1111/ijsa.12015
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Cidades: Rio Grande do Sul*. Recuperado de: <http://cod.ibge.gov.br/232DW>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Recuperado de: <http://cod.ibge.gov.br/232xs>
- Kamp Dush, C. M., & Taylor, M. G. (2012). Trajectories of marital conflict across the life course: Predictors and interactions with marital happiness trajectories. *Journal of Family Issues*, 33(3), 341-368. doi: 10.1177/0192513X11409684
- Kusner, K. G., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2014). Sanctification of marriage and spiritual intimacy predicting observed marital interactions across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 28(5), 604-614. doi: 10.1037/a0036989
- Ladd, B. O., & McCrady, B. S. (2015, March 23). Typology of couples entering alcohol behavioral couple therapy: an empirical approach and test of predictive validity on treatment response. *Journal of Marital and Family Therapy*. Advance online publication. doi: 10.1111/jmft.12121
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict tipology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 194-201. doi: 10.1037/a0022888
- Mahoney, A. (2010). Religion in families, 1999 – 2009: a relational spirituality framework. *Journal of Marriage and Family*, 72(4), 805-827. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00732.x
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2000). Avoidance and attacking conflict-resolution strategies among married couples: relations to depressive symptoms and marital satisfaction. *Family Relations*, 49(2), 201-206. doi: 10.1111/j.1741-3729.2000.00201.x
- Marchand, J. F., & Hock, E. (2003). Mothers' and fathers' depressive symptoms and conflict-resolution strategies in the marriage and children's externalizing and internalizing behaviors. *The Journal of Genetic Psychology*, 164(2), 227-239. doi: 10.1080/00221320309597979
- McNulty, KJ. K., & Russell, V. M. (2010). When “negative” behaviors are positive: a contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes

- in relationships satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 587-604. doi: 10.1037/a0017479
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v12n2/v12n2a02.pdf>
- Mosmann, C., Wagner, A., & Feres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. doi: 10.1590/S0103-863X2006000300003
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (1998-2012). Mixture modeling with cross-sectional data. In Muthén, L. K., & Muthén, B. O. *Mplus User's Guide. Seventh Edition* (pp. 153-207). Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Overall, N. C., Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Sibley, C. G. (2009). Regulating partners in intimate relationships: The costs and benefits of different communication strategies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 620-639. doi: 10.1037/a0012961
- Papp, L. M., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, E. M. (2007). Linkages between spouses' psychological distress and marital conflict in the home. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 533-537. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.533
- Reese-Weber, M., & Bartle-Haring, S. (1998). Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(6), 735-752. doi: 10.1023/A:1022861832406
- Rovani, F. F. M., Oliveira, L. C. B., & Cassol, R. (2010). Caracterização das microrregiões do Rio Grande do Sul a partir de técnicas quantitativas e da cartografia temática. *Revista Discente Expressões Geográficas*, 6(6), 41-54. Recuperado de http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed06/ed06_art02.pdf
- Rubenstein, J. L., & Feldman, S. S. (1993). Conflict-resolution behavior in adolescent boys: antecedents and adaptational correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 3(1), 41-66. doi: 10.1207/s15327795jra0301_3
- Rust, J., Bennun, I., Crowe, M., & Golombok, S. (1986). The Golombok Rust Inventory of Marital State (GRIMS). *Sexual and Relationship Therapy*, 25(1), 48-53. doi: 10.1080/14681990903550183
- Scheeren, P., Vieira, R. V. A., Goulart, V., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia*, 24(58), 177-186. doi: 10.1590/1982-43272458201405

- Sillars, A., Canary, D. J., & Tafoya, M. (2004). Communication, conflict, and the quality of family relationships. In Vangelisti, A. L. (Ed.). *Handbook of family communication* (pp. 413-446). Lawrence Erlbaum Associates.
- Wagner, A., et. al. (2010). *Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: Questões de gênero, resolução de conflitos e violência* (Projeto de pesquisa não publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In Wagner, A. e colaboradores (Orgs.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisa e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artmed.
- Weich, S., McBride, O., Hussey, D., Exeter, D., Brugha, T., & McManus, S. (2011). Latent class analysis of co-morbidity in the adult psychiatric morbidity survey in England 2007: implications for DSM-5 and ICD-11. *Psychological Medicine*, *41*, 2201-2212. doi: 10.1017/S0033291711000249
- Wheeler, L. A., Updegraff, K. A., & Thayer, S. M. (2010). Conflict resolution in mexican-origin couples: Culture, gender, and marital quality. *Journal of Marriage and Family*, *72*(4), 991-1005. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00744.x
- Williams, L. M. (2014). Conflict behaviors and marital satisfaction in older adulthood: a typology. (Master Thesis, Graduate Faculty of Auburn University, Auburn, Brasil). Retrieved from <http://hdl.handle.net/10415/4201>
- Woodin, E. M. (2011). A two-dimensional approach to relationship conflict: Meta-analytic findings. *Journal of Family Psychology*, *25*(3), 325-335. doi: 10.1037/a0023791
- Wright, D. W., Simmons, L. A., & Campbell, K. (2007). Does a marriage ideal exist? Using Q-Sort methodology to compare young adults' and professional educators' views on healthy marriages. *Contemporary Family Therapy*, *29*, 223-236. doi: 10.1007/s10591-007-9044-0
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: Uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, *2*(2), 91-96. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v2n2/v2n2a03.pdf>

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou verificar evidências de validade para um instrumento de avaliação de estratégias de resolução de conflitos conjugais e investigar as estratégias de resolução de conflitos utilizadas por casais residentes no Rio Grande do Sul. No contexto brasileiro, estão disponíveis alguns instrumentos para a avaliação da família e do casal (Féres-Carneiro, 1997; Teodoro, 2012; Teodoro, Allgayer, & Land, 2009), porém, não foram encontrados instrumentos validados que avaliassem as estratégias de resolução de conflitos conjugais antes da realização desse estudo. Além disso, estudos nacionais que abordem as particularidades do emprego de diferentes estratégias de resolução de conflitos entre casais são escassos, possivelmente em função da falta de instrumentos sobre o tema.

No Artigo I, o *Conflict Resolution Behavior Questionnaire* – CRBQ (Rubenstein & Feldman, 1993) mostrou-se adequado para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos conjugais, porém, verificou-se a necessidade de reformulação em determinados itens, a fim de aprimorar o instrumento. Uma versão reformulada do CRBQ, que deve ser testada em estudos futuros, foi apresentada a fim de corrigir algumas das limitações encontradas. Assim, considera-se que o instrumento é promissor para uso em novas pesquisas, especialmente após seu aperfeiçoamento.

Os Artigos II e III podem ser considerados complementares em relação ao primeiro, na medida em que algumas associações esperadas a partir da literatura foram encontradas entre o CRBQ e outras variáveis, fornecendo evidências de validade de construto ao instrumento. A presença de filhos (Birditt, Brown, Orbuch, McIlvane, 2010; Kamp Dush & Taylor, 2012) e a maior carga de trabalho feminina (Kamp Dush & Taylor, 2012) associadas às estratégias destrutivas e o maior envolvimento religioso associado às estratégias construtivas (Mahoney et al., 1999), além da identificação de quatro dos cinco perfis de resolução de conflitos encontrados por Gottman (1993), indicam que a escala avaliou as estratégias de resolução de conflitos adequadamente.

No Artigo II, encontrou-se também que os homens tendem a utilizar estratégias construtivas com mais frequência do que as mulheres, que encaminham os desentendimentos de maneira destrutiva em maior proporção, quando comparadas aos primeiros. Ainda com relação ao gênero, trabalhar fora mais horas por dia, para as mulheres, e ter menor renda, para os homens, contribui para o uso de estratégias destrutivas. Além disso, a religiosidade e as variáveis relacionadas ao tempo de relacionamento e ao momento evolutivo vital se

mostraram importantes para o manejo dos conflitos. O maior envolvimento religioso, a maior idade e o maior tempo de relacionamento se associaram às estratégias construtivas, enquanto que a presença de filhos apresentou relação com as estratégias destrutivas.

Além da contribuição para o Artigo I, uma das principais contribuições do Artigo III foi a identificação de perfis de resolução de conflitos, estabelecendo os níveis de qualidade conjugal associados a cada perfil. Quatro perfis foram identificados e associados à tipologia encontrada por Gottman (1993): Evitador, Validador, Hostil e Volátil. O perfil Validador apresentou maior qualidade conjugal e diferenciou-se claramente dos demais nesse aspecto, demonstrando que as características associadas a esse perfil – escuta, negociação, e baixa hostilidade e evitação – podem servir como modelos para intervenção. No outro extremo, o perfil Hostil também diferenciou-se dos demais, apresentando baixa qualidade conjugal. Os perfis Evitador e Volátil não apresentaram diferenças entre si, representando formas intermediárias quando à qualidade do relacionamento. Nota-se que esses perfis são compostos por altos e baixos em estratégias como o ataque e a evitação, que apresentam resultados contraditórios em algumas pesquisas (Caughlin & Afifi, 2004; McNulty & Russell, 2010) quanto ao seu impacto no relacionamento.

Assim, uma das principais conclusões desse trabalho é que a qualidade conjugal não se constitui do uso rígido de apenas um tipo de estratégia, mas sim da flexibilidade dos cônjuges frente às diferentes demandas que surgem na vida a dois. A predominância de estratégias construtivas mostrou-se importante para a saúde conjugal, mas outros comportamentos, como a confrontação mais intensa dos conflitos, também podem ser importantes em determinadas situações. A existência de perfis intermediários pode ser um indicio da importância de outras variáveis do contexto e do relacionamento, responsáveis pela manutenção de um equilíbrio mais frágil entre as estratégias de resolução de conflitos, em relação aos perfis mais bem definidos em termos de qualidade conjugal. Nesse sentido, os resultados deste trabalho sugerem a importância de investigar em profundidade aspectos como a existência de apoio social ao casal, de metas comuns entre os cônjuges, e de estabilidade e flexibilidade, e seu papel na resolução dos conflitos conjugais.

Uma das dificuldades encontradas, principalmente no Artigo I, foi encontrar uma delimitação precisa das dimensões que compõem a resolução de conflitos, enquanto construto. Ainda que a escala com três dimensões, conforme a versão original, tenha demonstrado bom funcionamento, o exame de outros instrumentos e publicações internacionais demonstram que a resolução dos conflitos é estudada por uma ampla variedade de estratégias (Bowman, 1990; Kerig, 1996; Kurdek, 1994). De um lado, utilizar estratégias variadas para descrever os

comportamentos de resolução de conflitos contribui para o detalhamento da forma como os casais abordados encaminham suas divergências. Por outro lado, isso dificulta a padronização e a comparação entre estudos que utilizam instrumentos diferentes.

Essas estratégias poderiam ser facilmente caracterizadas em termos de duas grandes dimensões, estratégias construtivas e destrutivas de resolução de conflitos, com subdimensões descrevendo comportamentos mais específicos. De fato, há evidências de que comportamentos positivos e negativos de resolução de conflitos são dimensões funcionalmente independentes (Gable & Reis, 2001), ainda que alguns autores não considerem a evitação como parte das estratégias destrutivas, mas sim como uma estratégia à parte (Caughlin & Vangelisti, 2006; Roloff & Ifert, 2000). Assim, nota-se a necessidade de que esse construto seja melhor definido e padronizado, a fim de aumentar a precisão e o poder de comparação entre as pesquisas.

Apesar das limitações já discutidas, espera-se que esse estudo possa ter contribuído para a avaliação das estratégias de resolução de conflitos conjugais e para o conhecimento acerca do uso dessas estratégias por homens e mulheres e os diferentes níveis de qualidade conjugal associados a tais comportamentos. Na literatura brasileira, há uma carência expressiva de estudos que tratem da resolução de conflitos em casais, assim como de instrumentos disponíveis para tal. Assim, a escala validada neste estudo pode contribuir para diminuir essa carência e para impulsionar novas pesquisas sobre o tema. Além disso, espera-se reafirmar que a qualidade do relacionamento não é constituída apenas por um caminho. O uso de diversas estratégias pode ser funcional, desde que o casal possua certo nível de cooperação para encaminhar suas divergências e flexibilidade para responder às demandas do seu cotidiano.

Referências

- Birditt, K. S., Brown, E., Orbuch, T. L., & McIlvane, J. M. (2010). Marital Conflict Behaviors and Implications for Divorce Over 16 Years. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1188–1204. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00758.x
- Bowman, M. L. (1990). Coping efforts and marital satisfaction: Measuring marital coping and its correlates. *Journal of Marriage and Family*, 52, 463-474. doi: 10.1037/h0087181
- Caughlin, J. P., & Afifi, T. D. (2004). When is topic avoidance is unsatisfying? Examining moderators of the association between avoidance and dissatisfaction. *Human communication Research*, 30(4), 479-513. doi: 10.1111/j.1468-2958.2004.tb00742.x

- Caughlin, J. P., & Vangelisti, A. L. (2006). Conflict in dating and marital relationships. In Oetzel, J. G. & Ting-Toomey, S. (Eds.). *The SAGE Handbook of Conflict Communication: integrating theory, research, and practice*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc. doi: <http://dx.doi.org/10.4135/9781412976176>
- Féres-Carneiro, T. (1997). Entrevista familiar estruturada - EFE: Um método de avaliação das relações familiares. *Temas em Psicologia*, 5(3), 63-94. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a07.pdf>
- Gable, S. L., & Reis, H. T. (2001). Appetitive and aversive social interaction. In Harvey, J. H. & Wenzel, A. E. (Eds.). *Close romantic relationships: Maintenance and enhancement* (pp. 169–194). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gottman, J. M. (1993). The roles of conflict engagement, escalation, and avoidance in marital interaction: a longitudinal view of five types of couples. *Journal of Consulting and clinical psychology*, 61(1), 6-15. doi: 10.1037/0022-006X.61.1.6
- Kamp Dush, C. M., & Taylor, M. G. (2012). Trajectories of marital conflict across the life course: Predictors and interactions with marital happiness trajectories. *Journal of Family Issues*, 33(3), 341-368. doi: 10.1177/0192513X11409684
- Kerig, P. K. (1996). Assessing the links between interparental conflict and child adjustment: The conflicts and problem-solving scales. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 454-473. doi: 10.1037/0893-3200.10.4.454
- Kurdek, L. A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 705-722. doi: 10.2307/352880
- Kusner, K. G., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2014). Sanctification of marriage and spiritual intimacy predicting observed marital interactions across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 28(5), 604-614. doi: 10.1037/a0036989
- McNulty, KJ. K., & Russell, V. M. (2010). When “negative” behaviors are positive: a contextual analysis of the long-term effects of problem-solving behaviors on changes in relationships satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(4), 587-604. doi: 10.1037/a0017479
- Roloff, M. E., & Ifert, D. EE. (2000). Conflict management through avoidance: Withholding complaints, suppressing arguments, and declaring topics taboo. In Petronio, S. (Ed.), *Balancing the secrets of private disclosures* (pp. 151–163). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

- Rubenstein, J. L., & Feldman, S. S. (1993). Conflict-resolution behavior in adolescent boys: Antecedents and adaptational correlates. *Journal of Research on Adolescence*, 3(1), 41–66. doi:10.1207/s15327795jra0301_3
- Teodoro, M. L. M. (2012). Alguns instrumentos para avaliação familiar no Brasil. In Baptista, M. N., & Teodoro, M. L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 168-175). Porto Alegre: Artmed.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a04.pdf>

ANEXOS

ANEXO A
PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MAPEAMENTO E INTERVENÇÃO NAS RELAÇÕES CONJUGAIS NO RS: Questões de Gênero, Resolução de Conflitos e Violência.

Pesquisador: Adriana Wagner

Área Temática:

Versão:

CAAE: 33175114.1.1001.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO
Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 744.991

Data da Relatoria: 09/07/2014

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa será desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, sob coordenação da Profa. Dra. Adriana Wagner. Este estudo tem como objetivo aprimorar os diagnósticos das relações conjugais, enfocando as relações de gênero, o fenômeno da violência e sua reverberação no ambiente familiar, visando a propor estratégias de manejo de tais situações. Além disso, pretende-se descrever e investigar como o casal resolve seus conflitos. A proposta metodológica estrutura-se em quatro momentos. No primeiro momento, é proposto um estudo empírico, com o qual se pretende mapear, nas diferentes regiões do RS, a dinâmica que se estabelece frente aos conflitos e a violência conjugal e a sua reverberação no sistema familiar. No segundo momento, criar e executar dois programas de intervenção para casais desde uma perspectiva preventiva, orientando os casais na resolução de seus conflitos, e terapêutica, auxiliando nas relações conjugais violentas. No terceiro momento, se objetiva construir materiais pedagógicos de orientação a casais propondo diferentes alternativas de resolução dos conflitos conjugais, a fim de evitar a violência e proteger o sistema familiar. Por último, pretende-se criar uma tecnologia social que capacite os profissionais de diversas áreas que integram a rede de atenção às famílias e casais, através de cursos que qualifiquem o seu trabalho, tanto em nível terapêutico como preventivo. O instrumento para a

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (513)308-5698 **Fax:** (513)308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 744.991

coleta dos dados está constituído de um questionário para os casais (masculino e feminino) que investiga seus dados sócio-bio-demográficos, aspectos da conjugalidade e formas de resolução de conflitos com seu cônjuge. Sendo assim, a pesquisa busca mapear as relações conjugais em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul a fim de descrever as dimensões do conflito e da violência conjugal na perspectiva do casal, os estilos e estratégias de resolução destes, entre os membros do subsistema conjugal. A partir de tal compreensão, pretende-se sistematizar uma proposta de orientação para a resolução de conflitos conjugais, a fim de proteger e promover melhores níveis de saúde no exercício da parentalidade no sistema familiar.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Primeiro Momento: 1. Mapear as relações conjugais quanto a: 1a. Níveis de conflitos conjugais e estilos de resolução de tais conflitos; 1b. Presença de indicadores de violência conjugal (agressão física, violência psicológica ou abuso emocional); 1c. Atitudes de gênero nas relações da família e no casal. Segundo Momento: 2. Sistematizar e propor: 2a. Estratégias de intervenção para a resolução de conflitos conjugais que protejam e promovam melhores níveis de saúde na conjugalidade e que abordem a violência conjugal; Terceiro Momento: 3. Elaborar e distribuir: 3a. Materiais informativos sobre como resolver conflitos conjugais de forma saudável e incrementar o vínculo conjugal; Quarto Momento: 4. Desenvolver tecnologia social de capacitação e instrumentalização de profissionais que trabalham na rede de atendimento a famílias e casais.

Objetivo Secundário: - Mensurar os níveis e os tipos de conflito que os casais identificam em sua relação conjugal; - Identificar os estilos de resolução de conflitos utilizados pelos casais pesquisados, a partir de quatro estilos específicos: a resolução positiva dos problemas, o envolvimento no conflito, o afastamento e a submissão; - Investigar possíveis indicadores de violência conjugal (abuso físico, emocional e sexual); - Identificar as atitudes de gênero tradicionais apresentadas no par conjugal; - Intervir nas relações conjugais desde uma perspectiva preventiva, orientando os casais na resolução de seus conflitos, e terapêutica, auxiliando nas relações conjugais violentas, a fim de que haja ruptura do ciclo de violência; - Criar materiais pedagógicos de orientação aos casais propondo formas alternativas de resolução de seus conflitos conjugais, a fim de proteger seus núcleos familiares e promover melhores níveis de saúde conjugal; - Avaliar o material pedagógico criado junto aos casais visando a sua aplicabilidade em diferentes estratos sociais como um instrumento didático ilustrativo no auxílio a ampliar o repertório de estratégias de resolução de conflitos entre casais; - Desenvolver um modelo de capacitação a profissionais para o desenvolvimento de habilidades tais como: identificação de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)308-5698 Fax: (51)308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 744.991

relações conjugais de risco, aplicação de estratégias de mediação e resolução de conflitos, fortalecimento das relações familiares e facilitação da comunicação entre os membros da família. - Multiplicar essa tecnologia social aplicada à saúde da família, tomando-a disponível a um maior número de pessoas possível nas diferentes regiões do Estado onde a pesquisa será desenvolvida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Não estão previstos riscos para os participantes que aceitem colaborar com o estudo. Contudo, casais que forem identificados como em situação de risco a partir das respostas dadas serão convidados a participar da segunda parte de pesquisa, a intervenção. Benefícios

Os casais que participarem da pesquisa estarão contribuindo para o aprimoramento dos diagnósticos das relações conjugais no Rio Grande do Sul, além de contribuir para a sistematização de uma proposta de orientação para a resolução de conflitos conjugais, a fim de proteger e promover melhores níveis de saúde no exercício da parentalidade no sistema familiar. Além disso, os participantes que manifestarem interesse em seguirem contribuindo com o estudo poderão usufruir das intervenções propostas no segundo momento do estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto foi aprovado anteriormente à Plataforma Brasil (data 31/05/2010).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto foi aprovado anteriormente à Plataforma Brasil (data 31/05/2010).

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)308-5698 Fax: (51)308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



Continuação do Parecer: 744.991

PORTO ALEGRE, 10 de Agosto de 2014

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)308-5698 Fax: (51)308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Página 04 de 04

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “*Mapeamento e Intervenção nas Relações Conjugais no RS: questões de gênero, resolução de conflitos e violência*”. O objetivo é avaliar e compreender como os membros do casal se relacionam entre si, que tipos de conflitos enfrentam mais frequentemente e quais as estratégias que utilizam para resolvê-los. Nosso propósito é promover propostas que melhorem os níveis de saúde familiar. Considerando a relevância deste tema, sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor esse funcionamento familiar.

Solicitamos a sua participação, respondendo a um questionário que contém 41 perguntas com respostas objetivas. Todas as informações dadas por você serão tratadas confidencialmente. Ninguém poderá identificar a sua identidade no questionário, pois seu nome será mantido em sigilo. Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar em qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para você. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimentos antes de decidir.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão, se eu assim o desejar. A pesquisadora Adriana Wagner e sua equipe certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, quando quiser.

Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, a responsável pela pesquisa é a Profa. Dra. Adriana Wagner, com a qual poderei entrar em contato pelo telefone (51) 3308-5322. Tendo qualquer dúvida, poderei fazer contato direto com a equipe de pesquisa.

Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, Fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. Sei que os questionários aqui respondidos serão guardados de forma não identificável na sala da pesquisadora na rua Ramiro Barcelos, 2600/Sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

Assinatura do participante

Nome

Data

Assinatura do pesquisador

Nome

Data

11. Para fins de pesquisa, por favor, marque qual a tua renda pessoal:
- () *Não tenho renda pessoal* () *De 7 a 9 salários mínimos*
 () *De 1 a 3 salários mínimos* () *10 ou mais salários mínimos*
 () *De 4 a 6 salários mínimos*

12. Tu já fizeste algum tipo de terapia? () Não () Sim – Por quanto tempo? _____

13. Qual? () Individual () Casal () Família () Grupo

14. Qual o motivo principal para a busca de terapia?

15. Qual a sua religião

() Católica

() Evangélica

() Protestante

() Espírita

() Outra – Qual _____

16. O quanto você se considera praticante?

() muito () pouco () nem muito, nem pouco () nada

Pensando em seu relacionamento atual com seu cônjuge, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu cônjuge. Marque com um X a resposta correspondente.

	Nunca 1	Raramente 2	Às vezes 3	Frequente mente 4	Sempre 5
1. Minha companheira geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.					
2. Eu realmente aprecio o senso de humor da minha companheira.					
3. Minha companheira parece não querer mais me ouvir.					
4. Minha companheira nunca foi desleal comigo.					
5. Eu estaria disposto a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.					
6. Eu estou insatisfeito com nosso relacionamento.					
7. Eu gostaria que minha companheira não fosse tão preguiçosa e não adiasse as coisas que tem que fazer.					
8. Às vezes, eu me sinto sozinho mesmo					

quando eu estou com minha companheira.					
9. Se minha companheira me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.					
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.					
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.					
12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas.					
13. Eu acho difícil mostrar para minha companheira que eu estou querendo carinho.					
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.					
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com a minha companheira.					
16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com minha companheira um tanto chata.					
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.					
18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões.					
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar na minha companheira.					
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.					
21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto.					
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.					
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.					
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.					
25. Eu sou totalmente dedicado ao relacionamento com a minha companheira.					
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu cônjuge está sempre me corrigindo.					
27. Eu suspeito que nós possamos estar à beira da separação.					
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes					

rapidamente depois de uma discussão.

O questionário abaixo apresenta uma lista de diferentes coisas que as pessoas podem fazer quando tem um conflito com seu cônjuge. Por favor, indique em cada questão a frequência com que você faz as seguintes coisas quando tem um conflito com seu cônjuge.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequente mente	Sempre
	1	2	3	4	5
1. Tento não falar sobre o assunto.					
2. Fico muito brabo e começo a gritar.					
3. Tento raciocinar.					
4. Ajo de forma sarcástica.					
5. Tento acalmar as coisas.					
6. Escuto o que o outro está dizendo e tento compreender.					
7. Me fecho e guardo meus sentimentos para mim mesmo.					
8. Tento chegar a um acordo.					
9. Fico frio e distante ou “não dou bola” para o outro.					
10. Fico brabo e vou embora.					
11. Falo tudo o que estou sentindo.					
12. Quanto mais falo, mais brabo eu fico.					
13. Permaneço brabo por um longo tempo.					
14. Fico brabo e jogo o que tem pela frente na outra pessoa.					
15. Digo ou faço algo para magoar o outro.					
16. Vou para o meu quarto para ficar sozinho.					
17. Assisto TV, leio um livro ou jogo videogames.					
18. Digo a mim mesmo que o problema não é importante.					
19. Tento ficar de bom humor e “levar na boa”.					
20. Falo com algum amigo ou algum familiar sobre como eu me sinto.					
21. Peço desculpas ao outro.					
22. Revido da mesma forma que o outro: “dou o troco”.					

11. Para fins de pesquisa, por favor, marque qual a tua renda pessoal:
- () *Não tenho renda pessoal* () *De 7 a 9 salários mínimos*
 () *De 1 a 3 salários mínimos* () *10 ou mais salários mínimos*
 () *De 4 a 6 salários mínimos*

12. Tu já fizeste algum tipo de terapia? () Não () Sim – Por quanto tempo? _____

13. Qual? () Individual () Casal () Família () Grupo

14. Qual o motivo principal para a busca de terapia?

15. Qual a sua religião

() Católica

() Evangélica

() Protestante

() Espírita

() Outra – Qual _____

16. O quanto você se considera praticante?

() muito () pouco () nem muito, nem pouco () nada

Pensando em seu relacionamento atual com seu cônjuge, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve como você se sente em seu relacionamento com seu cônjuge. Marque com um X a resposta correspondente.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequente mente	Sempre
	1	2	3	4	5
1. Meu companheiro geralmente sabe das minhas necessidades e é sensível a elas.					
2. Eu realmente aprecio o senso de humor do meu companheiro.					
3. Meu companheiro parece não querer mais me ouvir.					
4. Meu companheiro nunca foi desleal comigo.					
5. Eu estaria disposta a deixar meus amigos se isso fosse salvar nosso relacionamento.					
6. Eu estou insatisfeita com nosso relacionamento.					
7. Eu gostaria que meu companheiro não fosse tão preguiçoso e não adiasse as coisas que tem que fazer.					
8. Às vezes, eu me sinto sozinha mesmo quando eu estou com meu companheiro.					

9. Se meu companheiro me deixasse, eu não teria mais vontade de viver.					
10. Somos capazes de concluir uma discussão respeitando nossas diferenças de opinião.					
11. É inútil prosseguir com um casamento além de um certo ponto.					
12. Nós dois parecemos gostar das mesmas coisas.					
13. Eu acho difícil mostrar para meu companheiro que eu estou querendo carinho.					
14. Eu nunca coloco em dúvida nosso relacionamento.					
15. Eu me satisfaço só em sentar e conversar com o meu companheiro.					
16. Eu acho a idéia de passar o resto da minha vida com meu companheiro um tanto chata.					
17. Sempre existe muita troca em nosso relacionamento.					
18. Nós nos tornamos competitivos quando temos que tomar decisões.					
19. Eu sinto que realmente não posso mais confiar no meu companheiro.					
20. Nosso relacionamento ainda é cheio de alegria e divertimento.					
21. Um de nós está continuamente falando e o outro está geralmente quieto.					
22. Nosso relacionamento está em constante evolução.					
23. Casamento tem realmente mais a ver com segurança e dinheiro do que com amor.					
24. Eu gostaria que existisse mais carinho e afeto entre nós.					
25. Eu sou totalmente dedicada ao relacionamento com o meu companheiro.					
26. Às vezes, nosso relacionamento é tenso porque meu cônjuge está sempre me corrigindo.					
27. Eu suspeito que nós possamos estar à beira da separação.					
28. Nós sempre conseguimos fazer as pazes rapidamente depois de uma discussão.					

O questionário abaixo apresenta uma lista de diferentes coisas que as pessoas podem fazer quando tem um conflito com seu cônjuge. Por favor, indique em cada questão a frequência com que você faz as seguintes coisas quando tem um conflito com seu cônjuge.

	Nunca 1	Raramente 2	Às vezes 3	Frequente mente 4	Sempre 5
1. Tento não falar sobre o assunto.					
2. Fico muito braba e começo a gritar.					
3. Tento raciocinar.					
4. Ajo de forma sarcástica.					
5. Tento acalmar as coisas.					
6. Escuto o que o outro está dizendo e tento compreender.					
7. Me fecho e guardo meus sentimentos para mim mesma.					
8. Tento chegar a um acordo.					
9. Fico fria e distante ou “não dou bola” para o outro.					
10. Fico braba e vou embora.					
11. Falo tudo o que estou sentindo.					
12. Quanto mais falo, mais braba eu fico.					
13. Permaneço braba por um longo tempo.					
14. Fico braba e jogo o que tem pela frente na outra pessoa.					
15. Digo ou faço algo para magoar o outro.					
16. Vou para o meu quarto para ficar sozinha.					
17. Assisto TV, leio um livro ou jogo videogames.					
18. Digo a mim mesma que o problema não é importante.					
19. Tento ficar de bom humor e “levar na boa”.					
20. Falo com algum amigo ou algum familiar sobre como eu me sinto.					
21. Peço desculpas ao outro.					
22. Revido da mesma forma que o outro: “dou o troco”.					